

HÉRICO SOEIRO DE SOUSA

SE ESSA RUA, SE ESSA RUA FOSSE MINHA:

A criança e as dinâmicas de uso e apropriação da rua na realidade do bairro

Nova Vitória, em Imperatriz, MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Maranhão para o grau
de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr.^a Marluce Wall

São Luís

2015

Sousa, Hérico Soeiro de.

Se essa rua, se essa rua fosse minha: a criança e as dinâmicas de uso e apropriação da rua na realidade do bairro Nova Vitória, em Imperatriz, MA. / Hérico Soeiro de Sousa. - São Luís, 2015.

70 f.

Orientador (a): Prof^a.Dr. Marluce Wall.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura, Universidade Estadual do Maranhão, 2015.

1. Rua. 2. Convívio social. 3. Lazer. Título.

CDU: 711.4(812.1)

HÉRICO SOEIRO DE SOUSA

SE ESSA RUA, SE ESSA RUA FOSSE MINHA:

**A criança e as dinâmicas de uso e apropriação da rua na realidade do bairro
Nova Vitória, em Imperatriz, MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Maranhão para o grau
de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr.^a Marluce Wall

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

1º EXAMINADOR

2º EXAMINADOR

Dedico este trabalho aos moradores do conjunto Nova Vitória e, especialmente, as crianças que contribuíram na sua realização. Também o dedico a minha família por todo o seu amor e apoio.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido saúde e força durante essa jornada e superar as dificuldades.

A meus pais por todo o apoio e esforço que empenharam para que eu pudesse concluir essa graduação.

A UEMA e todo o seu corpo docente, direção e administração.

A minha orientadora Prof. Dr.^a. Marluce Wall pelo apoio no que diz respeito a elaboração deste trabalho.

Aos amigos que fizeram parte da minha formação, companheiros de trabalhos e todas as outras pessoas que de alguma forma participaram e contribuíram durante este percurso.

RESUMO

Esta monografia resulta de um estudo de caso sobre o papel da rua no que diz respeito ao convívio social e lazer das crianças, utilizando como ambiente de pesquisa o bairro Nova Vitória, localizado na cidade de Imperatriz, MA. Através de um comparativo entre épocas diferentes do bairro: a época atual e os primórdios do bairro. Para dessa maneira expor as diferenças entre as formas com que as crianças usam e se apropriam desse espaço, em cada época, e também analisando as condicionantes de cada contexto. Para isso evoca-se a memória afetiva dos moradores de longa data do bairro e do próprio autor do trabalho, e lógico das crianças que vivem atualmente no bairro. Ao final busca-se propor sugestões de modificações nos desenhos das ruas do bairro a fim de torná-las espaços mais democráticos, no que diz respeito aos diversos usos que pode abrigar, e que a criança possa usufruir de melhor maneira de tal local.

Palavras-chave: Rua. Convívio social. Lazer. Crianças.

ABSTRACT

This monograph is the result of a case study on the role of the street with regard to social conviviality and leisure of children, using research environment the neighborhood Nova Vitoria, located in the city of Imperatriz, MA. Through a comparison between different epochs of the neighborhood: the current season and the beginning of the quarter. For this way exposing the differences between the ways that children use and interpret this space, in every epoch, and also analyzing the constraints of each context. To do so, conjures up the affective memory of longtime residents of the neighborhood and the author of the work, and of course children who currently live in the neighborhood. At the end it intend to propose suggestions for modifications in the streets of the neighborhood in order to make them more democratic spaces, with regard to the various uses that can house, and that the child can enjoy best way to such a place.

Keywords: Street. Social conviviality. Leisure. Children.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
01 A RUA	11
1.1 A RUA NA COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO URBANO	12
1.2 A RELAÇÃO ENTRE A CASA E A RUA	15
1.3 A RUA E O USO E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS	19
02 A CRIANÇA E A RUA	23
2.1 A CRIANÇA, A RUA E A ESCALA HUMANA	24
2.2 O ESPAÇO FÍSICO NA CONSTRUÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA CRIANÇA	26
2.3 A CRIANÇA COMO PARÂMETRO	28
03 O CONJUNTO NOVA VITÓRIA	32
3.1 METODOLOGIA E ATIVIDADES	33
3.2 CONHECENDO O AMBIENTE DE PESQUISA	34
3.3 O BAIRRO AO LONGO DO TEMPO, O QUE OS MORADORES TÊM A DIZER?	42
3.3.1 Infância na rua “E”	47
3.4 O QUE AS CRIANÇAS TÊM A FALAR SOBRE O BAIRRO	52
04 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

INTRODUÇÃO

Qual o papel da rua? Algumas vezes no universo da arquitetura e do urbanismo, ao se utilizar mapas e plantas para intervir na cidade, ou até mesmo conceber novos tipos de espaços, a rua é notada de uma forma unidimensional, apenas como um corredor com função de conectar espaços, fato que pode ser considerado irônico já que muitas vezes quando se observa na prática esses lugares são palco de inúmeras formas de apropriação, mesmo quando não são pensadas para tal, sejam elas através de grupos de idosos colocando cadeiras nas calçadas para observar o movimento da rua e conversar com seus vizinhos, ou através de crianças realizando algum tipo de brincadeira ou jogo, seja ele vôlei, futebol, queimada, etc.

A rua consiste em um dos espaços públicos fundamentais no tocante as trocas sociais, apesar de muito se pensar esse espaço principalmente como zona destinada a locomoção. Porém ao longo da história a rua se mostra como elemento de grande papel nas esferas sociais, políticas e comercial da cidade. É ela quem muitas vezes abriga celebrações, sejam elas blocos de carnaval ou procissões religiosas; ou rebeliões, podendo essas estarem relacionadas a insatisfações políticas ou qualquer outro tipo de reivindicação. Em suma é um espaço que oferece oportunidade das pessoas se conectarem. Pode-se dizer então que a rua é um espaço com potencial para uma variedade de interações que contribuem para a vivacidade do meio urbano. A partir dessa premissa este trabalho propõe-se a estudar esse espaço público e principalmente o seu uso por uma determinada faixa etária da sociedade: a criança.

A existência de espaços voltados para a prática de atividades lúdicas é uma necessidade real das crianças, porém nem sempre as cidades conseguem proporcionar esses locais em suas diversas escalas, sendo assim a rua surge como uma opção de lugar para a realização dessas atividades, uma opção que pode por vezes configurar um ambiente não muito adequado. Os problemas relacionados ao tráfego e segurança pública existentes, entre outros, acabam condicionado a forma com que aqueles interagem com a rua, fazendo dessa maneira com que o local em que antes era mais comum observar a interação entre vizinhos e crianças brincando já não seja mais o mesmo e torna-se cada vez menos expressivos tais usos.

Surge assim o interesse na investigação de como as modificações no cenário urbano e conseqüentemente as limitações impostas as crianças afetam sua forma de se relacionar com a rua. Como a influência de elementos ligados a moradia, às condições físicas do ambiente, às mudanças de rotina, entre outras identificáveis,

podem afetar a afinidade da criança com esses espaços, tudo isso observando a realidade do ambiente escolhido. Como palco do estudo, o bairro Conjunto Nova Vitória, localizado na cidade de Imperatriz, um bairro de habitação popular que sempre possuiu ruas caracterizadas como espaços de muitas interações sociais, mas que vem se modificando e com isso perdendo tais características.

Dessa maneira as ruas do bairro, que antes, na ausência de espaços projetados para o encontro e o brincar das crianças assumiam tal papel, dão lugar a uma realidade em que é cada vez mais difícil notar esse tipo de apropriação. Conseqüentemente observa-se a criança em uma difícil situação de contato com locais que proporcionem o brincar e a convivência com seus iguais de uma forma espontânea. São essas inquietações e observações empíricas que motivam o estudo e geram certos questionamentos.

Qual o local do brincar atualmente, e como ele é realizado? Por que, no caso do bairro, a rua vem perdendo expressividade como um local de encontro e lazer para a criança?

01

A RUA



1.1 A RUA NA COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Um dos elementos principais deste trabalho consiste na rua, configurando o palco do estudo, onde busca-se inicialmente destacar a importância da mesma em qualquer assentamento urbano e as múltiplas “faces” que pode ter como espaço público, mesmo quando surge na cidade tendo como a função primordial a circulação (seja ela de ideias, de pessoas ou de bens).

As ruas da cidade servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – parte das ruas que cabem aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades (JACOBS, 2000, p. 29).

Evoca-se assim, algumas visões sobre como surge a rua e quais papéis exerce na cidade e no cotidiano de seus moradores. Inicialmente o vocábulo rua tem sua origem no latim, especificamente na palavra *ruga*, significando sulco entre dois renques de casas ou muros em uma povoação qualquer. Para Santos e Vogel (1985), seria impossível imaginar o urbano sem o recurso, a imagem e a noção de rua, vide a quantidade de atividades para que ela serve como local de apoio.

Segundo Lamas (2004, p. 99) “o traçado é um dos elementos mais claramente identificáveis tanto na forma de uma cidade como no gesto de a projectar”. Ainda de acordo com sua visão, a rua seria o elemento

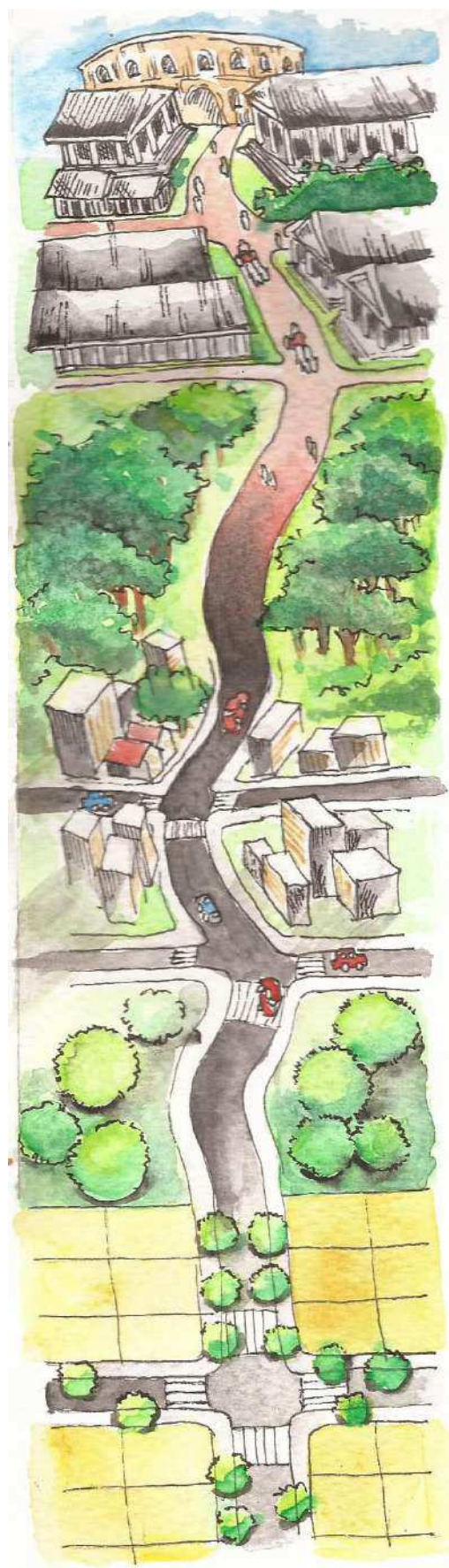


Figura 01: A rua e o espaço urbano.
Fonte: elaborada pelo autor.

estruturador do espaço urbano e também responsável pela delimitação de edifícios e quadras tanto quanto pela conexão dos espaços da cidade.

Baseado nas ideias de autores como Poète, Lavedan e Tricart, Lamas chama atenção também para o caráter de permeância do traçado, caráter esse, “não totalmente modificável, que lhe permite resistir as transformações urbanas” (LAMAS, 2004, p. 99). Por esse motivo ainda seria possível notar a herança do traçado romano ortogonal em muitas cidades da atualidade.

Percebe-se assim que é praticamente impossível a concepção de uma cidade sem ruas, que o espaço urbano se organiza reproduzindo uma estrutura, sempre que possível, ao longo do tempo, semelhante, composta por ruas, edificações, praças, quarteirões, entre outros elementos.

Deve-se chamar atenção para a natureza do significado de cada um desses espaços, como a apropriada rua, cada um deles só possui um sentido quando relacionado a outro, pois entre eles há uma relação mutua de dependência no que diz respeito ao seu significado. Como Jacobs (2000) afirma, utilizando como exemplo as calçadas, essas não são mais do que abstrações que só possuem algum tipo de sentido quando juntas dos edifícios e outros usos limítrofes a ela.

Por esse viés nota-se um conjunto de elementos com funções bem definidas e que se articulam entre si compondo



Figura 02: A concepção do traçado.
Fonte: elaborada pelo autor

o espaço urbano. Para ilustrar melhor a afirmação, tomando como exemplo a concepção de algum bairro, ou até mesmo de uma cidade, é possível notar ao desenhar sua planta que a disposição das quadras estará condicionada ao posicionamento das ruas (ou traçado adotado) e que isso também irá influenciar na quantidade e na forma dos lotes. Os usos de cada um estarão também correlacionados as atividades de seu entorno. Além disso, em certas ocasiões, pode-se observar a racionalização do espaço, estipulando-se lugares específicos para cada atividade relacionada ao cotidiano (o lazer, o encontro, o comércio e assim por diante).

Essa seria uma das visões do que é a rua, o olhar do projetista em uma fase específica de concepção do espaço urbano, em que o traçado é o conector e estruturador do mesmo, porém o dia a dia nas cidades mostram muito mais, revela que a rua é mais do que um espaço de passagem, por vezes ela também assume um papel de “praça” no que diz respeito ao cotidiano das pessoas.

Uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações. A expressão “alma da rua” significa um conjunto de veículos, transeuntes, encontros, trabalhos, jogos, festas e devoções. Ruas tem caráter e podem ser agitadas, tranquilas, sedes de turmas pontos e territórios. (BRIGGS, 1972 apud SANTOS; VOGEL 1985)

Espaços favoráveis à socialização, as ruas podem permitir uma gama de interações entre os cidadãos, pois configuram o local onde as pessoas veem e



Figura 03: A rua, um espaço de múltiplos usos.
Fonte: elaborada pelo autor

são vistas. Percorrendo as ruas, é quando se conhece e interage com a vizinhança, criando alguns vínculos com o local em que mora. As crianças também conhecem novos amigos e praticam suas brincadeiras, saem em busca de novas “aventuras”.

A rua também seria uma espécie de referência no espaço urbano no que diz respeito a várias características. A tranquilidade ou a grande movimentação, a segurança ou periculosidade de uma cidade. Tudo isso, entre outras coisas, é medido no imaginário popular através da rua. Se ocorrem poucos crimes nas ruas a cidade é considerada segura, se suas ruas são palcos de diversas interações e usos, é considerada uma cidade agitada, ou se ocorre o contrário, seria uma cidade pacata, é o que Jacobs (2000) expõe.

1.2 A RELAÇÃO ENTRE A CASA E A RUA



Figura 04: A casa e a rua.
Fonte: elaborada pelo autor

A rua está ligada ao mundo das relações contratuais, relações essas que comandam as interações e a convivência das pessoas que no referido espaço possuem como único laço comum o fato de ser cidadão (Santos; Vogel, 1985). Seria a rua aquilo que não pertence a um, pertence a todos, afetando assim a forma de comportamento das pessoas nesse ambiente, tudo é mediado pela lei, as relações são mais formais, há um limite nas liberdades individuais, pois por se tratar de lugar público deve existir um respeito mútuo entre os cidadãos, como afirma Da Matta (1997), na rua todos são “subcidadãos”, na multidão se tornam anônimos, sujeitos a represálias das autoridades caso desrespeitem os códigos vigentes. Em suma, a rua seria a esfera da impessoalidade.

Se por um lado a rua é associada ao público, ao informal e o visível, no

imaginário dos cidadãos, na visão de Santos e Vogel (1985) a casa surge como o espaço do privado, do informal e do invisível, é colocada como o local de laços mais íntimos, da família, dos amigos. Assim, rua e casa formam uma espécie de antítese, ambos se opõem, porém estão ligados intrinsecamente, interferem cada um no significado do outro. A rua necessita das edificações no seu entorno para se tornar dotada de sentido, ao mesmo tempo em que delimita e estrutura as edificações ao seu redor.

Na obra de Carlos Nelson dos Santos e Arno Vogel, *Quando a rua vira casa*, encontra-se um exemplo interessante relacionado as ideias contrastantes dos valores atrelados a rua e a casa. No bairro do Catumbi (local em que a pesquisa dos autores foi realizada) nota-se uma diferenciação no que tange a forma de se observar a rua e o quintal (espaço esse pertencente a casa), isso devido a tipologia das residências, a sua disposição faz com que elas funcionem como “muralhas” que separam a rua da parte interna das quadras, isolando os quintais (ver figura 5). Da casa a rua e seus acontecimentos podem ser observados, porque configura um espaço de todos, porém o quintal por pertencer a parte privada da casa deve possuir uma visibilidade limitada, “pois a materialidade dos anteparos (muros, cercas vivas, trepadeiras, etc.) expressa o direito de uma relativa invisibilidade. Essas fronteiras do respeito mútuo unem e separam ao mesmo tempo” (SANTOS; VOGEL, 1985, p. 49).

A existência dessa comunicação pode possuir grande papel no que diz respeito a apropriação da rua. Através das janelas é possível observar os acontecimentos e até mesmo participar deles sem necessariamente estar fora da edificação. Os pais, por exemplo, podem acompanhar as brincadeiras e jogos de seus filhos que ocorrem na calçada podendo intervir em variadas situações desde alertas em momentos de perigo até a resolução de conflitos (SANTOS; VOGEL, 1985).

As portas, enquanto isso ao mesmo tempo em que determinam uma área limítrofe entre o público e o privado, quando entreabertas, permitem que as calçadas sirvam como extensões da sala de estar, onde uma sorte de atividades extrapolam os limites do interior da edificação para serem realizadas na calçada, entre elas o hábito que pode ser observado na realidade de alguns assentamentos urbanos de se colocar cadeiras junto as “portas das casas” para se observar o movimento da rua enquanto as crianças brincam nas proximidades.

Por outro lado, algo que merece destaque é o fato de que, em alguns contextos urbanos, nem sempre essa relação de visibilidade entre rua e casa é existente, pois para que haja é necessário que as portas e janelas das residências tenham contato o mais direto possível com as calçadas, sendo essa situação mais

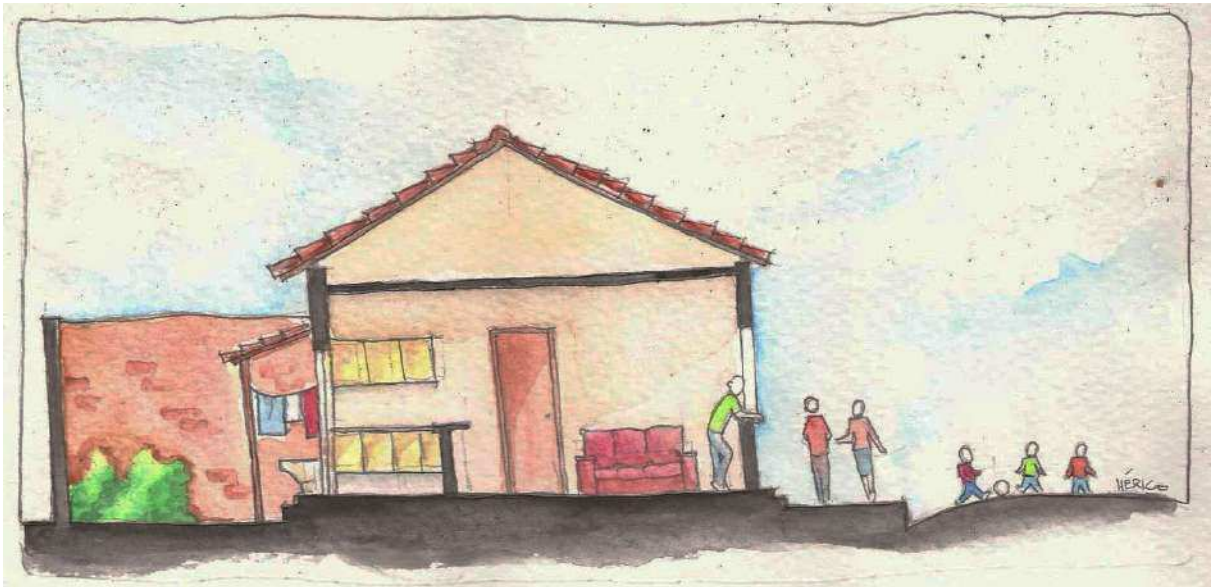


Figura 05: Desenho representando o corte de uma residência edificada a partir do limite entre lote e calçada, com a finalidade de mostrar uma das formas de comunicação direta entre casa e rua.

Fonte: elaborada pelo autor.

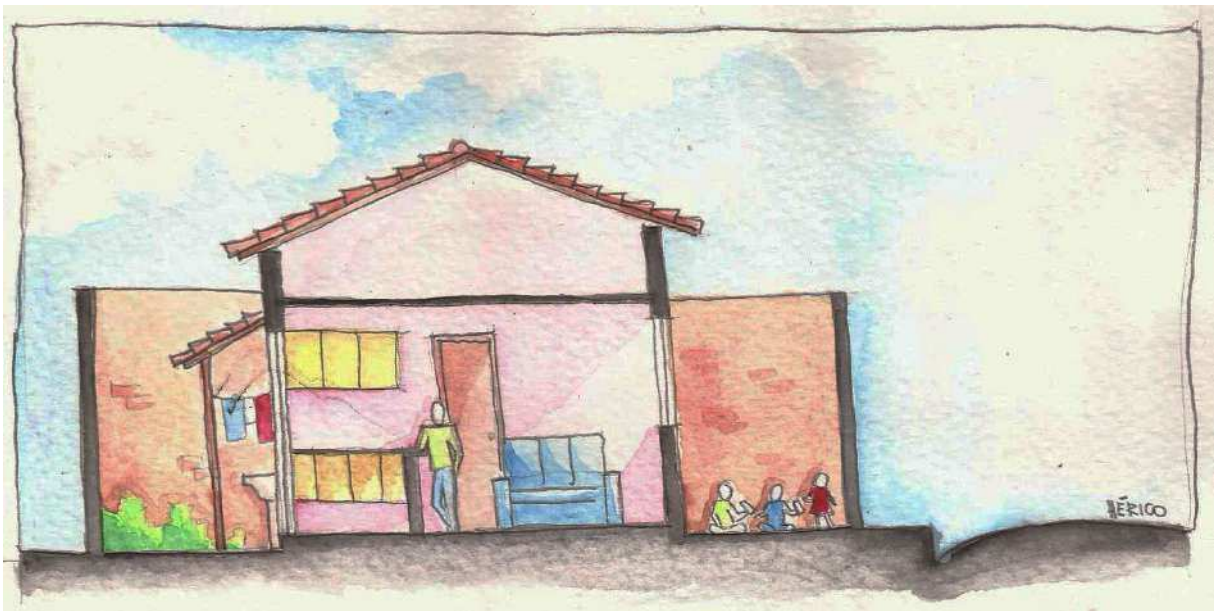


Figura 06: O desenho representa o corte de uma residência que possui afastamento frontal e que também recorre a anteparos para delimitar o lote, não havendo assim comunicação direta com a rua.

Fonte: elaborada pelo autor.

comum em casas que não possuem afastamento frontal, ou quando possuem, esses são livres de anteparos. Deve-se também acrescentar que o padrão adotado na maioria das vezes na produção de habitações é locar a edificação no centro do lote deixando duas áreas não edificadas, a primeira o afastamento frontal, uma área de transição entre a rua e a casa, e a segunda o quintal. Por fim geralmente envolve-se toda a área do lote com um muro, ou qualquer outra forma de isolar e delimitar o espaço (ver figura 6).

Como se vê, de acordo com o primeiro exemplo citado nesse tópico, o único espaço que buscava-se proteger dos “olhares” da rua seria o quintal, pois de acordo com Santos e Vogel (1985) esse seria um espaço que conotaria certa intimidade, consiste no “interior do interior” da residência e estaria relacionado a uma gama de atividades da vida cotidiana que pretendia-se esconder, sejam elas a lavagem da roupa suja ou procedimentos voltados para a higiene. Em contrapartida nota-se que no segundo exemplo citado, não somente o quintal como todo o resto que se passa dentro do lote, nisso incluso a casa, é escondido, ou “protegido”, com motivações que variam desde a necessidade de privacidade até mesmo a segurança.

Outro fator que deve ser mencionado relacionado as fachadas das edificações e seu contato com a rua é a contribuição no que diz respeito a sensação de segurança nas ruas, pois Jacobs (2000) alerta para a necessidade da existência de “olhos” voltados para rua, onde de acordo com a autora seriam:

[...] Os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua. Os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar voltados para a rua. Eles não podem estar com os fundos ou um lado morto para a rua e deixá-la cega (JACOBS, 2000, p. 37).

Para que haja tal olhar, além do contato visual da edificação com a rua, também é necessário que se tenha sempre algo que incentive a observação, sua movimentação, pois pessoas são atraídas por pessoas. Como foi visto anteriormente crianças brincando na rua são uma motivação para que seus pais estejam de olho nesse espaço para vigiar seus filhos, assim como há também pessoas que gostem de sentar nas calçadas apenas para observar qualquer acontecimento. Esses incentivos, entre outros, se mostram determinantes pois “ninguém gosta de ficar na soleira de uma casa ou na janela olhando uma rua vazia” (JACOBS, 2000, p. 37).

Figura 07: Os olhos das ruas.
Fonte: elaborada pelo autor.



1.3 A RUA E O USO E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS

Quando se fala nas tipologias de residências e na existência seu contato visual com a rua, esse pode ser um dos vários elementos que contribuem de alguma maneira para a ocorrência de situações no referido espaço público que transcendem a circulação. Fala-se em uma diversidade de interações sociais que ocorrem mesmo quando o espaço público não é planejado para tal, vide quando as crianças utilizam a rua como espaço para realizar seus jogos e brincadeiras, onde ainda que lidem com obstáculos buscam superá-los para usufruir do local.

O conceito de apropriação nada mais é do que isso, uma forma de defesa, um “mecanismo” que a população encontra para superar as convenções impostas pelos planejadores (Santos; Vogel, 1985). O ato de planejar um espaço público é extremamente complexo, os espaços muitas vezes são concebidos com uma proposta inicial bem definida e que na pratica pode não ser correspondida da forma esperada por quem o projetou, revelando assim um cenário incerto, afinal lida-se com diversos contextos sociais, pessoas cada qual com sua vivencia, dessa maneira cada realidade buscara adequar o espaço a sua necessidade.

Na ausência de praças, a calçada pode se tornar o ponto de encontro, ou o playground de uma praça pode estar deserto enquanto algum terreno baldio está

cheio de crianças brincando, são variações curiosas e que podem ser incentivadas por uma variedade de fatores como por exemplo a proximidade, pois pode ser mais fácil um grupo de amigos que moram próximos uns dos outros se encontrarem na “porta” da casa de um deles do que se deslocarem até uma praça, ou no que diz respeito ao grupo de crianças e o terreno baldio, o mesmo pode apresentar condições de conforto climático, como uma cobertura vegetal muito melhor que a do playground ou até mesmo uma paisagem muito mais instigante. Logico que essas são situações hipotéticas e que podem existir muitos outros contextos. Como afirma Santos e Vogel (1985, p. 48) “assim como a rua é a forma de utilizá-la, o espaço é o uso que permite”.

Para ilustrar melhor o assunto, evoca-se um dos casos relacionado ao bairro que servirá como palco desse estudo. O conjunto habitacional Nova Vitória usufrui de uma única praça, sendo essa pertencente ao bairro vizinho. A praça localiza-se na avenida coletora que serve como divisa entre os dois bairros, o espaço público em questão possui um desenho e mobiliários bem limitados, não há em seu projeto playgrounds, espaços para pratica de esportes, como uma quadra por exemplo, e o estado atual da praça é decadente.

Em contrapartida, uma de suas áreas que originalmente deveria ser um vasto canteiro gramado serve como uma espécie de quadra poliesportiva, segundo

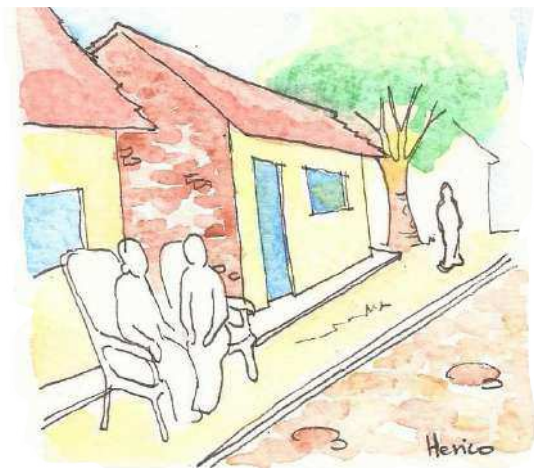
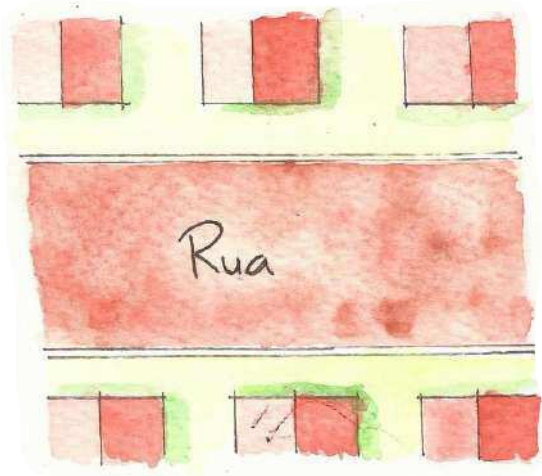


Figura 08: Formas de apropriação da rua.
Fonte: elaborada pelo autor.



Figura 09: Planta Baixa da praça do bairro. O desenho constatado no local revela a ausência de qualquer quadra ou espaço projetado para pratica de esportes.
Fonte: elaborada pelo autor.

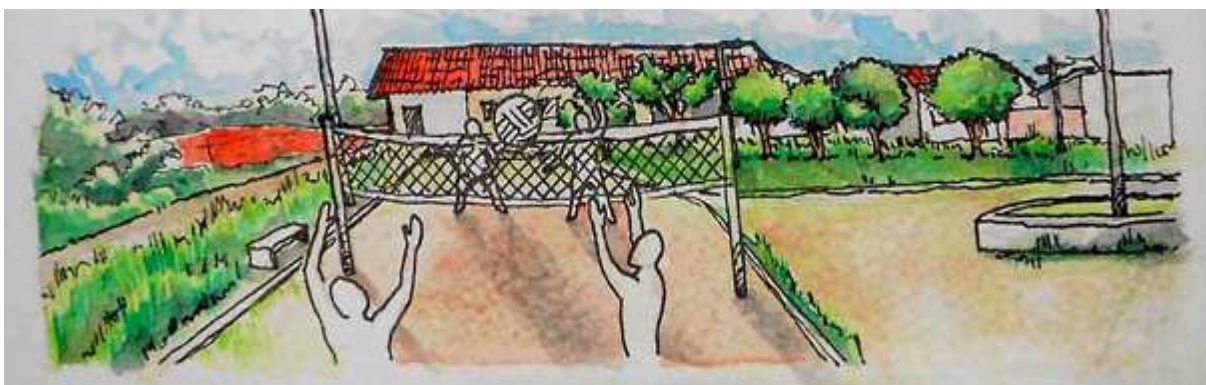


Figura 10: O desenho busca ilustrar a pratica de jogos esportivos que ocorrem em um dos canteiros da praça.
Fonte: elaborada pelo autor.

afirmam moradores. Através da improvisação, um grupo de jovens armam uma rede de vôlei para jogar ali, ou quando não, outro grupo utiliza o espaço para jogar futebol, ambos têm que competir com as condições não muito boas da pavimentação do espaço ou com a vegetação que possui pouco ou nenhum cuidado, crescendo de forma descontrolada sobre o local.

Também é possível notar que os moradores do entorno, na ausência de intervenções que visem a melhoria do local, também improvisam, constroem seus próprios mobiliários, como bancos de madeira, e fazem o plantio de árvores.

Tais modificações e adaptações, assim como outras formas de apropriação, não conotam uma “inadequação” ou “indícios de marginalidade”, segundo Mendonça (2007, p. 297), “Podem, ao contrário, indicar criatividade, capacidade de melhor aproveitamento das infraestruturas públicas e fornecer subsídios que alimentem o projeto e a construção futura de ambientes desta natureza”.

02

A CRIANÇA E A RUA



Já foi falado até o momento sobre a rua como um elemento que é palco de diversas ações, preocupando-se com os valores e papéis que essa pode assumir no meio urbano, mas, e seus “agentes”? Como se dá a relação desses com a rua? Aqui busca-se acrescentar esse elemento e analisar como as características e condições do espaço influenciam na forma em que o usuário se apropria e utiliza-se do mesmo. Realizando um recorte mais específico, uma vez que o estudo possui o enfoque principal na criança, visa-se discorrer a relação de tais usuários com o espaço público em questão, a rua.

2.1 A CRIANÇA, A RUA E A ESCALA HUMANA

Sabe-se que a valorização da escala humana não é algo muito comum em alguns centros urbanos, muitas vezes os veículos motorizados individuais surgem como a prioridade nas cidades, possuindo mais espaço para circulação, sinalizações pensadas prioritariamente para os mesmos e a concepção e dimensionamento de acessos variados também.

Para ilustrar essa realidade toma-se como referência novamente o referido bairro em estudo. É corriqueiro observar na forma de conceber acesso as residências, e demais edificações, o comprometimento das calçadas, fazendo com que essas configurem locais desorganizados. Há uma disparidade de desníveis e rampas, além da falta de manutenção em partes da pavimentação das calçadas e ruas o que impede uma maior fluidez na circulação do pedestre. Para qualquer cidadão que não possua algum tipo de limitação física isso já configura um cenário desconfortável e desestimulante para o uso da rua. Deve-se assim imaginar o impacto maior ainda que tal problemática implica na vida de idosos, portadores de necessidades especiais e do alvo desse estudo, a criança.



Figura 11: A criança e os obstáculos da rua.
Fonte: elaborada pelo autor.

Como afirma Tonucci (2009), a administração das cidades elegeu como seu cidadão protótipo o homem, adulto e trabalhador. É possível constatar um espaço urbano pensado prioritariamente para as necessidades desse arquétipo de usuário tornando submissos à sua forma de viver a cidade os demais cidadãos e para o infortúnio desses, o carro aparece como uma das grandes “necessidades” do homem trabalhador que, nessa conjuntura, “sintetiza” a sociedade.

Assim, as distancias e percursos, por menor que sejam, se mostram não tão agradáveis ao pedestre, gerando um fenômeno recorrente em algumas cidades que seria o de se utilizar qualquer veículo motorizado, para percorrer pequenas distancias que poderiam ser feitas a pé. E como já foi dito anteriormente a atração de pessoas depende do uso dos espaços por outras pessoas, e no caso da rua, a movimentação é de grande importância nessa atração. Carros não possibilitam as diversas formas de interações que o percurso a pé permite, sejam elas esbarrar com o vizinho e iniciar uma conversa, ou até mesmo parar para cumprimentar um conhecido, o percurso feito pelo veículo motorizado é mais objetivo. Diante do exposto surge muitas vezes um ambiente de certa forma inóspito no que diz respeito a locomoção pedonal. E a criança? Como especificamente isso afeta sua vida e sua relação com a rua?

De acordo com Tonucci (2009) é de grande importância, ter espaços na cidade que proporcionem à criança, de uma forma espontânea, a aventura, a descoberta, a superação do obstáculo, a busca e o risco, pois são fatores fundamentais no seu desenvolvimento. Por isso alerta que quando as cidades renegam a escala humana comprometem esses espaços, sendo um deles a rua. A criança acaba perdendo a possibilidade de se locomover pela cidade de forma autônoma devido



Figura 11: O Percurso a pé e as interações que permite.
Fonte: elaborada pelo autor.

a rua passar a ser vista no imaginário popular como um espaço não muito seguro e não tão apropriado ao pedestre, considerada um espaço predominante do carro, que representa um perigo para a criança.

É difícil para a criança sair de casa sozinha, procurar por companheiros e ir para um local adequado para brincar com eles. As dificuldades ambientais, reais ou supostas convenceram os pais de que esta cidade não permite que uma criança de seis, dez anos ande sozinha, e, por isso, o que era o seu tempo livre tornou-se organizado e dedicado às diferentes atividades (TONUCCI, 2009, tradução nossa, p. 151).

Ao visualizar a rua dessa forma, o adulto afeta diretamente a criança pois esta possui uma relação de dependência em relação a ele. Sendo assim suas atividades relacionadas ao lúdico dependem primordialmente da disponibilidade do seu responsável, existindo uma dificuldade no que diz respeito a espontaneidade dessas atividades.

Sendo assim as cidades devem proporcionar a possibilidade de certa independência para a criança. O presidente do conselho italiano, Romano Prodi, em 1997 no primeiro Fórum internacional das cidades sob medida para as crianças, em Nápoles, afirmava que “já não é suficiente dar as crianças serviços para a infância, devemos devolver a elas a cidade”. Alerta, dessa forma, para a preocupação em tornar os espaços da cidade locais mais democráticos.

2.2 O ESPAÇO FÍSICO NA CONSTRUÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA CRIANÇA

A visão não muito agradável que o adulto responsável pela criança pode ter da rua somado a organização do seu tempo livre, faz com que a criança perca as oportunidades de “desbravar” a cidade. Antes o tempo que era dedicado a ir à rua reunir-se com os amigos e descobrir novos lugares para brincar é distribuído para outras atividades cada qual com seu local bem delimitado: as aulas de dança, música, natação, etc. Tais atividades, na cabeça de qualquer pai ou responsável, soam muito mais agradáveis pois estão todas longe dos “riscos” que a rua pode oferecer, cada atividade em seu abrigo específico e horário bem definido.

Tonucci (2009) expõe a importância do ato de brincar no desenvolvimento da criança, principalmente nos seus primeiros anos de vida, e como esse ato contribui na formação do seu conhecimento. Afirma também que para o brincar a criança não precisa necessariamente estar acompanhada pelos seus pais, pelo contrário, a ausência desses contribui nesse processo, onde a criança pode criar suas próprias

estratégias de socialização com outras crianças, criar formas de lidar com obstáculos, experimentar a satisfação de uma prova superada ou a frustração. Assim ao chegar em casa além da sujeira arranhões e do cansaço, a criança teria muitas histórias para contar.

Em contrapartida, atualmente é mais comum a presença da figura do adulto controlando as atividades infantis, nos mais variados ambientes. Sendo assim a criança não encontra oportunidades de lidar com obstáculos e provações que instiguem sua capacidade cognitiva.

[...] Se não é um padre, é o professor ou o monitor, o catequista, o bibliotecário ou o encarregado da ludoteca. Se o adulto está presente, a criança não pode correr riscos (o adulto está ali a propósito para que isto não ocorra) e não pode nem sequer explorar, descobrir, surpreender-se (o adulto está ali a propósito para explicar, para antecipar, para responder) (TONUCCI, 2009, tradução nossa, p. 152).

Se a criança não tem oportunidade de explorar, buscar e investigar dificilmente ela irá se deparar com novos problemas para que seja instigada a resolvê-los por si só, encontrando soluções não ortodoxas, com o adulto por perto a criança ficará tentada a pedir sua ajuda e aceitando as soluções como verdades absolutas, não produzindo um conhecimento próprio.

Até mesmo a produção de alguns espaços condiciona essa dependência da criança em função do adulto. A arquiteta Mayumi Souza em seu livro *A cidade e a criança* chega a trabalhar a ideia da relação entre espaço e dominação, utilizando o ambiente escolar como exemplo, uma vez que esse é projetado de uma forma em que se proporcione ao adulto a posição de controle: visores nas portas para visualizar o que acontece nas salas e carteiras fixadas no chão com posições preestabelecidas. Assim não resta a criança muitas formas de se apropriar e utilizar o espaço que não estejam condicionadas ao adulto no controle.

Em todo caso as ruas e espaços públicos das cidades devem configurar lugares em que por si só as crianças possam utilizá-los, que nem sempre precise de um adulto auxiliando-a e indicando o “que” e “como” ela deve fazer. Para isso primeiramente deve-se existir a valorização das infraestruturas dedicadas ao pedestre para que as ruas sejam vistas como espaços mais confiáveis e seguros, as ruas são referências no meio urbano, assim, se elas possuem veículos circulando em demasia ficarão marcadas no imaginário coletivo como espaços de risco para o pedestre, conseqüentemente inapropriados para qualquer criança circular ou permanecer

sozinha. Em suma, Tonucci (2009) afirma que a conclusão que chega o adulto sobre a cidade e seus espaços públicos é que estão poluídos demais, com carros demais, que estão cheios de obstáculos e pessoas não confiáveis. Com base nisso abre-se margem para que o adulto estipule como ideal para criança ficar em casa e apenas sair quando acompanhada dele.

Ainda de acordo com Tonucci, a cidade também perde com a ausência de crianças em seus espaços, diz que se as crianças estão ausentes, os adultos se tornam “piores” agindo da forma que melhor os convém, ocupando todos os lugares, usando sem critério os meios de transporte motorizados, poluindo o ar, produzindo ruídos incômodos e depreciando monumentos. Destaca-se a ideia de proporcionar maior espaço nas cidades para as crianças, evocá-las também como parâmetro e considerar que elas possuem voz e conseguem interpretar suas próprias necessidades podendo contribuir nas mudanças no meio urbano.

2.3 A CRIANÇA COMO PARÂMETRO

As crianças possuem seu próprio diagnóstico acerca das problemáticas urbanas, mesmo que nem passe por suas cabeças qualquer tipo de saber técnico para interpretá-los. Aliás não é tão necessário o saber técnico quando se fala das problemáticas das cidades, a vivência por si só nesse espaço já garante uma percepção para qualquer cidadão sobre aquilo que lhe incomoda no seu dia a dia, e garante a ele sua própria maneira de explicar os “porquês” envolvidos naquela situação.

Assim as crianças também têm formas particulares de explicar as situações de sua rotina na cidade, elas possuem vontades e necessidades, porém nem sempre são ouvidas. Nesse momento busca-se expor referências no que diz respeito a metodologias com as quais seja possível lidar com os anseios infantis e o espaço urbano. Uma das proposições que podem contribuir nesse trabalho seria a elaborada pelo educador Francesco Tonucci que em 1991 propôs um projeto chamado “la ciudad de los niños”. Nesta proposta a criança ganha voz para expressar as mudanças que para elas seriam necessárias nas cidades. Esse projeto, que foi promovido pelo Instituto de Ciência e Tecnologia do Conhecimento (ISTC), tinha como premissa mudar o parâmetro de referência nas cidades substituindo o homem, adulto e trabalhador, pelas crianças, em suma a ideia era de que uma cidade no qual seus espaços tentam ser adequados para as crianças consequentemente seriam adequados para todos. O projeto ganhou força na Itália (local de origem do idealizador), em algumas cidades espanholas e argentinas. Ainda de acordo com seu

idealizador, o projeto possui duas bases principais: a autonomia de movimento e a participação no governo das cidades.

Quando se fala em autonomia de movimento outra proposta que também ganhou certo destaque em algumas cidades da Europa, também idealizada por Tonucci, foi “A la escuela vamos solos”. A proposta buscava devolver a autonomia para as crianças utilizando como pontapé inicial o ato de ir para a escola, a pé ou de bicicleta, sem o auxílio de um adulto. Logicamente seria necessário a discussão com as famílias e com o poder público, pois a estrutura das ruas deveria estar adequada. Além do mais a mobilização do resto da população seria imprescindível, como por exemplo os comerciantes, que deveriam adotar o papel de “olhos das ruas” para vigiar as crianças durante seus percursos. Dessa forma esbarra-se nas ideias de Jane Jacobs onde as ruas se tornam seguras não pelo fato de existir policiamento ostensivo e sim porque a população está sempre atenta a rua.

Inspirada na ideologia de Tonucci, a cidade de Madri elaborou o projeto educativo “Madrid a pie, camino seguro al cole”, possuindo a mesma premissa do projeto “A la escuela vamos solos”. Para isso houve uma articulação entre diversos setores do governo. Cada setor compôs uma equipe responsável por uma etapa na implantação do projeto, como por exemplo a área relacionada ao meio ambiente que se subdividiu em três grupos: o primeiro responsável por assessorias e orientações, o segundo relacionado a formação e preparo de professores e também desenhos de projetos. E o último grupo voltado a difusão do projeto para os agentes sociais do bairro (aqui definidos como comerciantes, associações, etc.). No geral o trabalho nessa área cuidaria da adequação da arborização, criação de áreas ajardinadas e da melhoria das infraestruturas do percurso até as escolas.

Outros setores que também se envolviam no projeto seriam os de segurança e mobilidade (para garantir a segurança do percurso), o setor de obras e espaços públicos (para garantir um diagnóstico dos espaços e elaborar melhorias necessárias no espaço físico), o setor relacionado a Família e serviços sociais (encarregado na colaboração com as comissões de participação da infância e juventude) e por último o setor de Educação (responsável na contribuição em foros institucionais e no desenhos de projeto).

Dessa forma o projeto utiliza como ponto catalisador a escola, e através dela busca estabelecer contato com as crianças e seus familiares divulgando o projeto e seu intuito para que logo em seguida possa criar-se formas de ouvir as necessidades das crianças, criando assembleias participativas específicas para tal



Figura 12: Rua Tabernillas.
Fonte: <http://tallertabernillas.blogspot.com.br>



Figura 13: Confeção dos mobiliários da rua Tabernillas.
Fonte: <http://tallertabernillas.blogspot.com.br>



Figura 14: Crianças utilizando os mobiliários da rua.
Fonte: <http://tallertabernillas.blogspot.com.br>

finalidade. Assim seria possível montar um diagnóstico acerca das condições das ruas e do entorno das escolas identificando melhorias necessárias para tornar o uso desse espaço mais apropriado para a criança e conseqüentemente para todos.

Uma das escolas públicas, chamada *Nuestra Señora la Paloma*, envolvida no projeto, analisou os acessos e espaços públicos disponíveis em seu entorno com o intuito de tornar as redondezas da escola mais segura, assim buscou-se reivindicar os espaços públicos nas proximidades, primeiramente tornando uma das ruas nas adjacências exclusiva para uso de pedestres. Através de oficinas realizadas pela escola houve a mobilização dos pais dos alunos para a confecção e instalação de mobiliários (ver figura 13) e outras modificações na rua.

Expor esses projetos se faz necessário pois ambos indicam formas que se mostraram eficazes em suas realidades urbanas e podem contribuir no estudo aqui elaborado, uma vez que se busca analisar justamente o uso da rua pela criança. Dessa forma ouvi-la, deixar com que ela exponha sua visão dos espaços, a relação da sua rotina com o uso ou não uso dos mesmos contribuem na construção da metodologia do trabalho, uma vez que um dos principais pontos desse consiste em justamente conhecer a forma como as crianças do bairro Nova Vitoria se relacionam com a rua, se há



Figura 15: Festa na rua Tabernilha.
Fonte: <http://tallertabernillas.blogspot.com.br>

ou não a apropriação com a finalidade do lazer ou convivência social, e julga-se como a forma mais adequada para adquirir certo conhecimento sobre o assunto estabelecer contato com as crianças. Para isso a exemplo dos projetos utilizados como referência nesse tópico, adota-se como ferramenta para tal contato o ambiente escolar. A metodologia será explicada mais detalhadamente adiante.

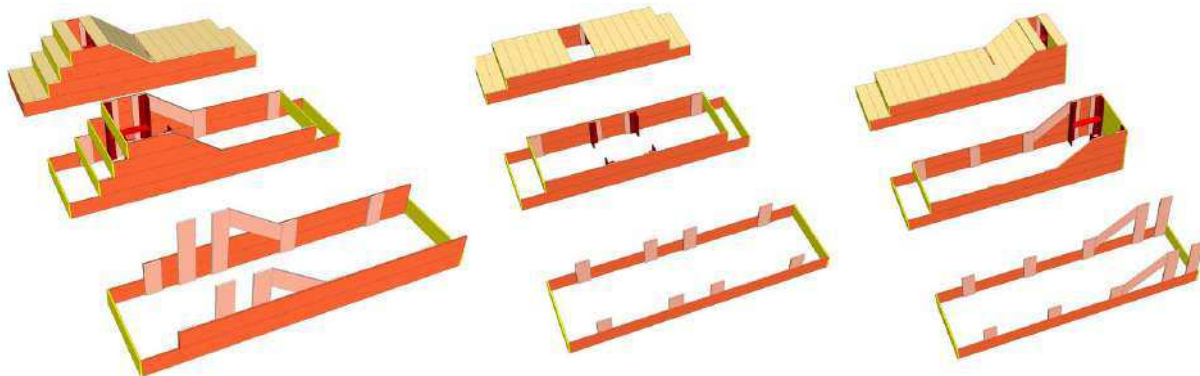


Figura 16: Perspectivas ilustrando as etapas de montagem do mobiliário.
Fonte: <http://tallertabernillas.blogspot.com.br>

O CONJUNTO NOVA VITÓRIA



O conjunto Nova Vitória, localizado na cidade de Imperatriz, constitui o laboratório da pesquisa. Nele os fatores sociais e relacionados ao espaço serão observados, as ruas do bairro serão o palco do estudo. Os moradores do bairro também constituem peças fundamentais, afinal, são parte indissociável dessa grande estrutura chamada cidade. Sendo assim evoca-se suas vivências acerca do bairro, buscando-se a construção da imagem do que é e do que foi o bairro a fim de compreender as relações que ocorrem em um dos principais elementos que compõem o meio urbano, a rua. Como é ser criança hoje no bairro? As ruas permitem ser mais do que vias de passagem? Permitem ser um espaço em que a criança encontre uma certa “liberdade” e até mesmo o lugar para suas práticas lúdicas?

3.1 METODOLOGIA E ATIVIDADES

Para a pesquisa de campo, com a finalidade de construção de um corpo de informações e para elaboração de um histórico sobre o bairro, optou-se pela utilização de entrevistas com os moradores e a observação e análise do espaço através de fotos, mapas e desenhos. Primeiramente os mapas se fazem necessários para espacializar as informações, auxiliar na demarcação dos locais onde foram realizados levantamentos fotográficos, dos espaços e equipamentos urbanos importantes dentro da realidade do bairro e dos “pontos”, esse item tem sua definição extraída do trabalho de Carlos Nelson Freitas e Arno Vogel, sendo descrita a seguir:

[...] Vem a ser um espaço nas calçadas, nas esquinas ou no leito da rua, que é apropriado por determinadas práticas e pelas pessoas que a elas se dedicam. [...] O ponto pode estar ligado ao trabalho ou ao lazer e é caracterizado pelo exercício regular de uma atividade. Tal atividade de ser necessariamente de domínio público, sem o que seria incapaz de criar o ponto (SANTOS; VOGEL, 1985, p. 70).

Ferramentas como o desenho a mão livre também mostram grande importância para reconstruir cenários e costumes de outrora presentes no bairro que nem sempre são possíveis através de fotografias. Busca-se traduzir as idéias da população acerca dos espaços públicos do local principalmente a das crianças.

No que diz respeito a faixa etária infantil, optou-se pelo ambiente escolar para a pesquisa, utilizando crianças com idade de 6 a 7 anos. Também foram feitas entrevistas em locais no bairro onde puderam se encontrar pequenas concentrações de crianças brincando na rua. Escolheu-se uma das escolas de ensino infantil do bairro, onde com o auxílio pedagógico de um dos professores do local foram desenvolvidas atividades com os alunos, entrevistando-os através de perguntas e desenhos. Uma metodologia já utilizada em outros trabalhos e que se mostrou bastante eficiente e que ainda faz com que a criança seja ouvida em questões que dizem respeito aos espaços públicos e a forma de torná-los melhores.

3.2 CONHECENDO O AMBIENTE DE PESQUISA

O Bairro Conjunto Nova Vitória possui em torno de três décadas de existência, foi construído em duas partes sendo a primeira de responsabilidade da Caixa econômica Federal e a segunda pela Companhia de Habitação Popular do Maranhão – COHAB (ver figura 19), as habitações eram de cunho social. O local em que foi implantado localiza-se na região periférica da cidade e que até meados dos anos 2000 era pouco adensada, onde juntamente com o conjunto Nova Vitória haviam apenas dois outros bairros nessa área: o bairro Vila Vitória e o Conjunto Habitat Brasil. A junção desses três bairros é até hoje chamada popularmente de “o grande Vitória”. A implantação do bairro segue a forma que é comumente, ao longo dos anos, adotada na implantação de conjuntos habitacionais, em que se utiliza as glebas nas regiões quase limítrofes ao perímetro urbano, onde se carece de uma gama de serviços e infraestruturas. Dessa forma pode-se dizer que o aglomerado formado por esses três bairros constituía uma espécie de ilha circundada de uma grande área verde, possuindo uma única ligação para comunicar-se com o resto da cidade, a BR-010. Atualmente as glebas no entorno do bairro passam por um processo de ocupação



Figura 17: Mapa de localização do bairro Conjunto Nova Vitória.
Fonte: Google Earth.

através de loteamentos e construção de residenciais, começando um processo de adensamento de uma área que antes não era tão povoada.

A área em questão não é autossuficiente, necessita ainda de alguns tipos de serviços o que acaba ocasionando o deslocamento diário de uma boa parte da população para as regiões centrais da cidade. No geral o bairro possui algumas mercearias, farmácias e padarias. Possui também uma escola pública de ensino fundamental e médio que atende a região formada pelos três bairros, e algumas escolas pequenas de educação infantil.

Para a contagem do censo 2010, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) englobou o bairro em uma área composta por mais quatro bairros, onde maior parte dessa área consiste em glebas desocupadas, como o interesse da pesquisa é a criança, os dados populacionais expostos aqui serão relativos as faixas etárias de 3 a até 14 anos de acordo com os parâmetros utilizados pelo IBGE.

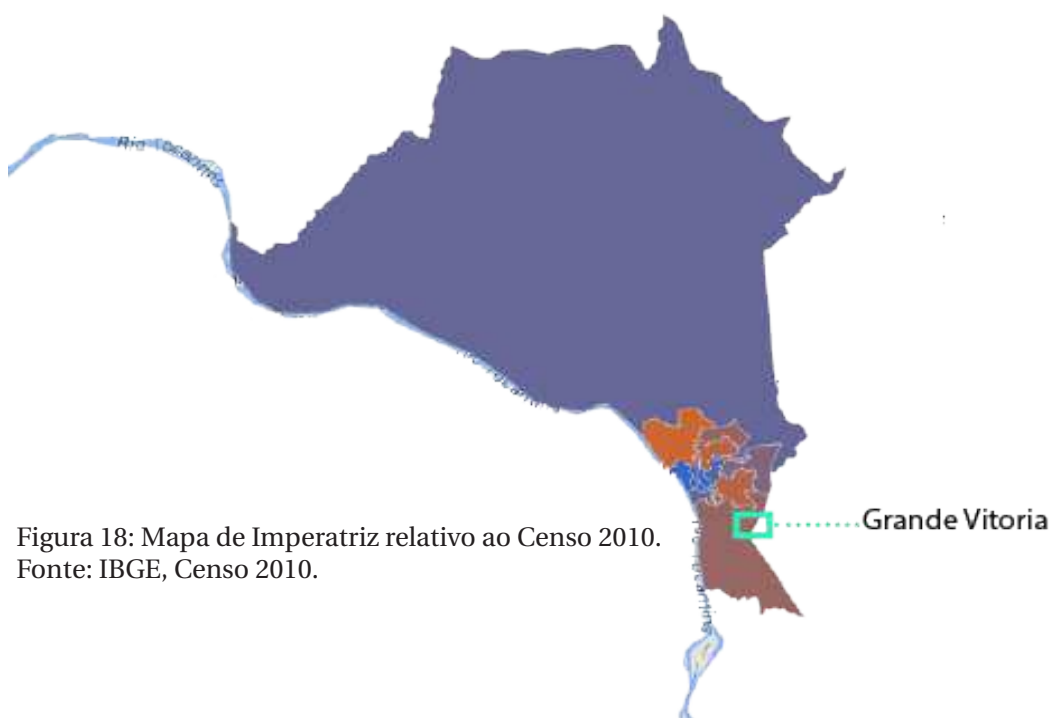
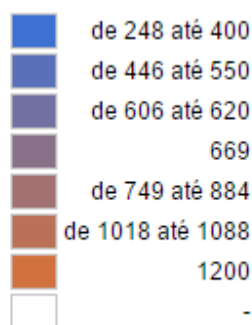


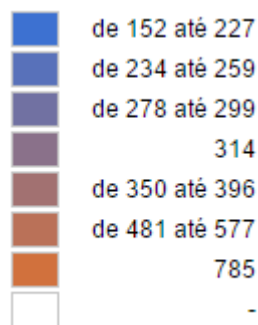
Figura 18: Mapa de Imperatriz relativo ao Censo 2010.
Fonte: IBGE, Censo 2010.

População entre 4 e 5 anos de idade:



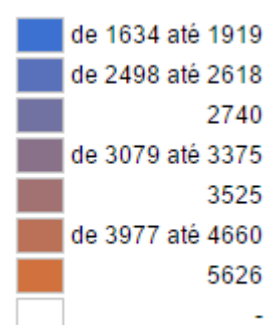
Fonte: IBGE, Censo2010;

População com 6 anos de idade:



Fonte: IBGE, Censo2010;

População entre 7 e 14 anos de idade:



Fonte: IBGE, Censo2010;

Quanto ao lazer esse seria o maior déficit do bairro, até então os únicos espaços existentes consistiam em uma praça (que já foi citada anteriormente) mantida em péssimo estado e uma grande área verde localizada próxima a entrada do bairro que é utilizada como campo de futebol, área essa que vem sendo loteada e vendida aos poucos. Aliás deve-se acrescentar que recentemente foi construída uma quadra poliesportiva para o bairro utilizando parte da área verde. Pode-se observar que a população já utiliza amplamente o espaço seja para prática de jogos esportivos ou para realizar festas em datas comemorativas.

Em uma caminhada pelo bairro podem-se perceber ruas onde predomina o uso residencial. Vez ou outra surge algum tipo de comércio, esse tem sua predominância reservada para as avenidas coletoras. Os lotes das edificações possuem tamanhos regulares, possuindo geralmente largura de quinze metros por comprimento de vinte; parte considerável das casas não ocupam toda área do lote; é bem comum a existência de algum afastamento seja ele frontal ou lateral (ver figura 21).

Quanto as ruas do bairro essas se encontram em estado de conservação não muito bom. As ruas do conjunto Nova Vitória I são pavimentadas por asfalto (ver figura 22) em alguns pontos extremamente danificado, dificultando a circulação tanto de pedestres como de automóveis. A outra metade do bairro, que consiste no Conjunto Nova Vitória II, não possui asfalto em suas ruas, que são compostas por areia e pedra (ver figura 23). A circulação nessas vias para qualquer pessoa com algum tipo de limitação física se torna algo extremamente complicado.

Perpendicular às ruas existem as vias de pedestre, possuindo função de atalho para quem se utiliza do transporte pedonal. Presentes apenas na primeira parte do bairro, são pavimentadas em concreto, possuem canteiros para o ajardinamento e encontram-se também em péssimo estado de conservação: o gramado existente nos canteiros cresce de forma descontrolada atingindo uma altura que limita o campo de visão do pedestre tirando-lhe a sensação

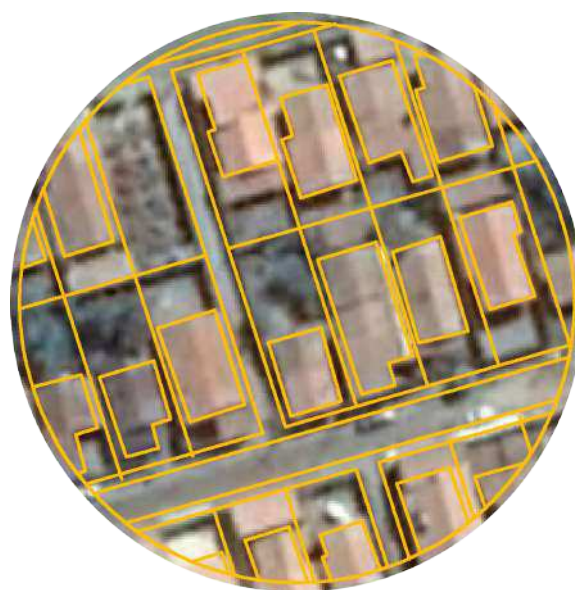


Figura 21: Mapa indicando a forma de implantação das casas.
Fonte: elaborado pelo autor.



Figura 22: imagem da Rua “B”, uma das ruas do conjunto Nova Vitória I pavimentada em asfalto.
Fonte: elaborado pelo autor.



Figura 23: imagem da Rua “F”, pertencente ao conjunto Vitória II, a mesma não possui pavimentação sendo encoberta por pedras.
Fonte: elaborado pelo autor.



Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 24: Imagem de uma das vias de pedestre que liga a rua “B” à rua “C”, observa-se a existência de obstáculos para acessá-las e também a ausência de qualquer contato visual das edificações para com a via.

de segurança, também não possuem acessibilidade uma vez que para impedir a passagem dos carros existem peças em concreto para limitar a passagem.

O bairro no geral possui distâncias que podem ser facilmente percorridas a pé, ou poderiam, se não fossem algumas das condições já elencadas nesse tópico, além disso é comum ouvir reclamações dos moradores referente a segurança do bairro. Segundo eles não é mais seguro como já foi um dia, fazendo com que muitos desses moradores evitem as vias de pedestres já que são geralmente palcos de assaltos.

Por outro lado, ainda é possível observar algumas interações ocorrendo nas calçadas, por exemplo, durante os percursos feitos pelo bairro a fim de coletar informações era corriqueiro observar um casal de idosos sentados em cadeiras na calçada de sua casa, geralmente no horário de fim de tarde, todos os dias, ambos ficavam observando o movimento da rua e interagindo com os transeuntes quando esses eram conhecidos. Assim como esse casal alguns outros exemplos semelhantes podiam ser observados em alguns outros pontos do bairro. Porém algo que instiga e motiva mais ainda a pesquisa é o fato de mesmo ainda existindo essas interações entre adultos, é difícil observar a criança utilizando a rua para qualquer tipo de atividade.



Figura 25: Mapa indicando os principais pontos de atração do bairro.
 Fonte: elaborado pelo autor.

LEGENDA






- | | | | |
|--|--|---|--|
|  Escola publica |  Posto policial |  Igreja católica |  Áreas verdes |
|  Quadra poliesportiva |  Posto de saúde |  Praça do bairro |  Ruas de predominio comercial |
|  Escolas de ensino infantil |  Creche | | |



Figura 26: Moradora da rua “B” limpando a calçada e interagindo com os transeuntes na rua.
Fonte: elaborada pelo autor



Figura 27: Moradores usufruindo de um banco de concreto instalado em uma das calçadas da rua “B”.
Fonte: elaborada pelo autor

3.3 O BAIRRO AO LONGO DO TEMPO, O QUE OS MORADORES TÊM A DIZER?



Figura 28: A evolução do bairro ao longo do tempo.
Fonte: elaborada pelo autor.

O fato do bairro não possuir um acervo muito grande de informações catalogadas faz com que se tenha que recorrer a memória dos moradores a fim de se construir um tipo de linha do tempo do bairro. Por meio da construção da linha do tempo se pode constatar se houve ou não mudanças expressivas relacionadas aos aspectos físicos e sociais do bairro: como eram as casas, os costumes e até mesmo a infância no local. Por esse meio pode-se elaborar um comparativo com a realidade existente e o passado, sobrepondo desenhos e fotografias e transcrevendo relatos.

Nesse momento juntamente com relatos de moradores busca-se trazer para o trabalho a memória desse que vos escreve, uma vez que, como morador nascido e criado no bairro gostaria de acrescentar as experiências relacionadas à infância vivida no bairro como um dos pontos de vista que serão expostos nesse tópico.

Primeiramente, como já é sabido, a rua e a casa possuem uma relação intrínseca, muitas vezes a tipologia de residência interfere nos acontecimentos da rua, sendo assim, pretende-se em primeiro lugar, analisar as residências do bairro.

Através de um dos relatos de moradores que habitam o bairro desde sua fundação, descobre-se que as primeiras residências ali implantadas consistiam em edificações bem simples, uma sala, uma cozinha, um banheiro, uma pequena varanda e, dependendo do padrão adotado, um ou dois quartos. Como já foi dito anteriormente, as casas eram edificadas em lotes com dimensões de 10 metros de largura e 25 metros de comprimento, eram implantadas no centro do lote, não possuíam qualquer tipo de anteparos que limitassem o acesso da rua à casa, assim as quadras configuravam espaços de certa forma permeáveis (ver figura 30), não possuía grande nitidez no que diz respeito aos limites entre os lotes pertencentes a cada residência.

Tal configuração de certo modo influenciou na forma com que os moradores se relacionavam e na criação de laços, uma vez que a ausência de barreiras entre as casas facilitava, mesmo quando julgada inconveniente, a interação entre os habitantes (ver figura 31). Uma das moradoras do bairro, falando sobre as casas e a convivência social diz que a ausência de muros permitia uma interação muito grande com os vizinhos. Em suas palavras “querendo ou não a gente era obrigada a ter uma convivência boa, já que não tinha muita privacidade”. De acordo com a moradora, pela falta de muros, era comum pessoas transitando entre os quintais das residências e os afastamentos laterais entre as casas, que por vezes serviam de atalhos entre as ruas.

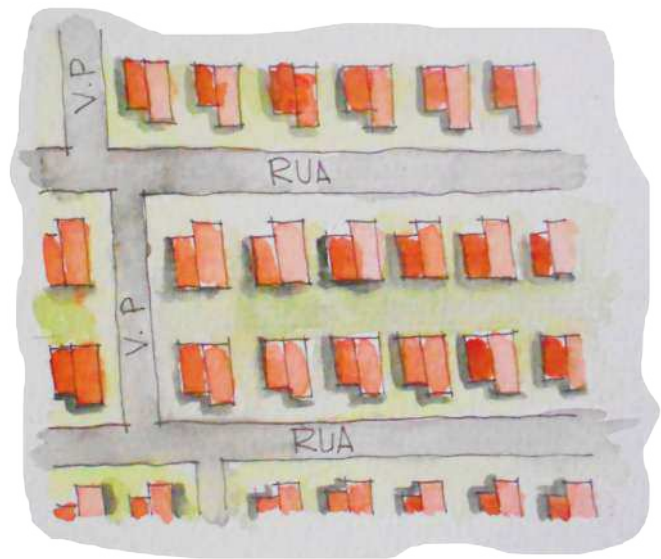


Figura 29: Implantação das casas do bairro originalmente.
Fonte: elaborada pelo autor

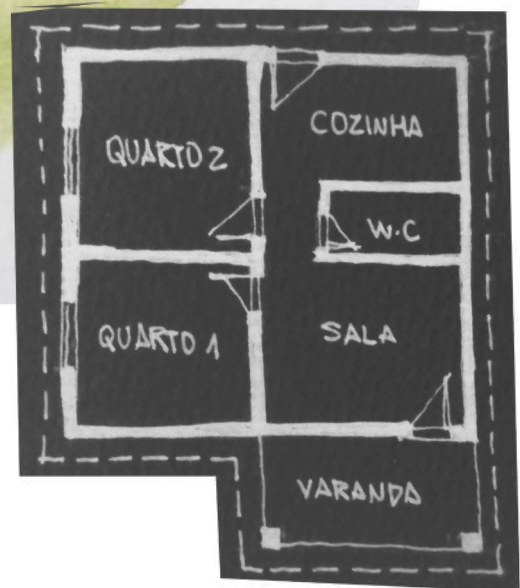
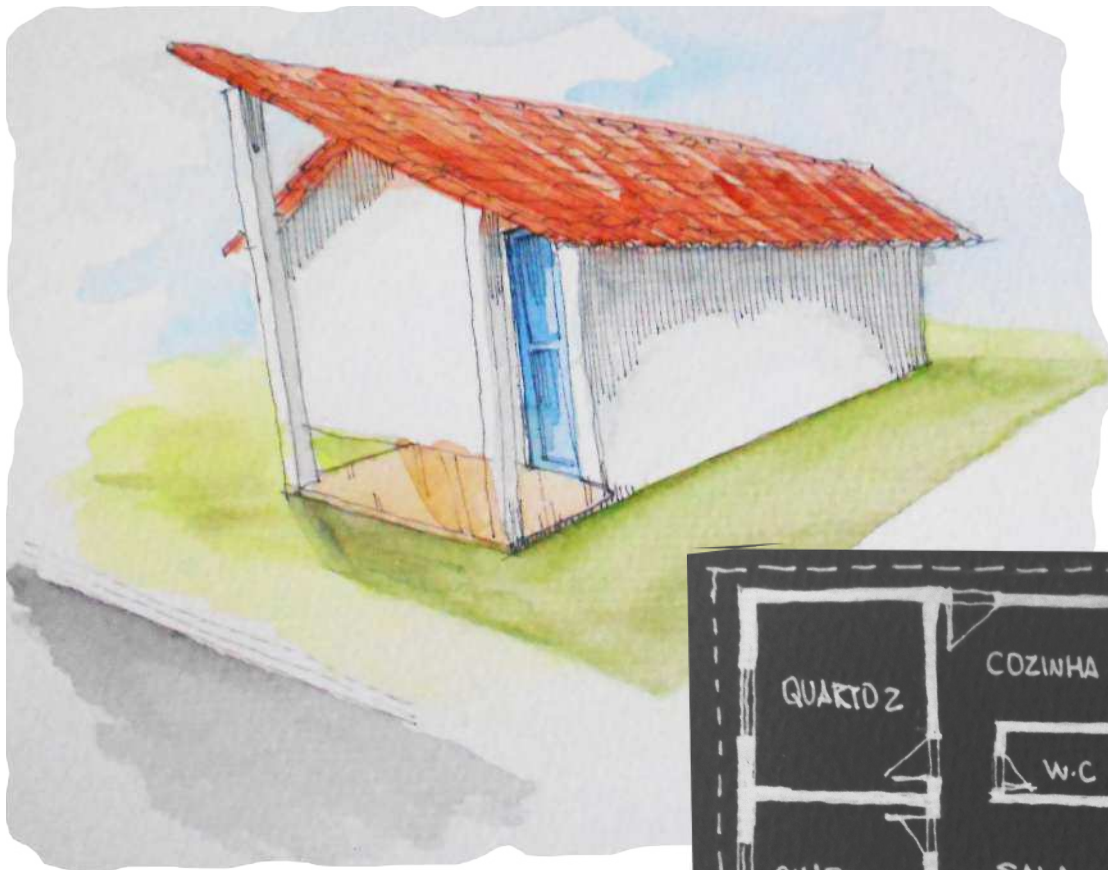


Figura 30: perspectiva e planta baixa de uma das tipologias de residência entregues originalmente para os moradores.
Fonte: elaborada pelo autor



Figura 31: Interação entre moradores. Devido a abertura das quadras era possível se criar atalhos através dos quintais e afastamentos das residências.
Fonte: elaborada pelo autor.

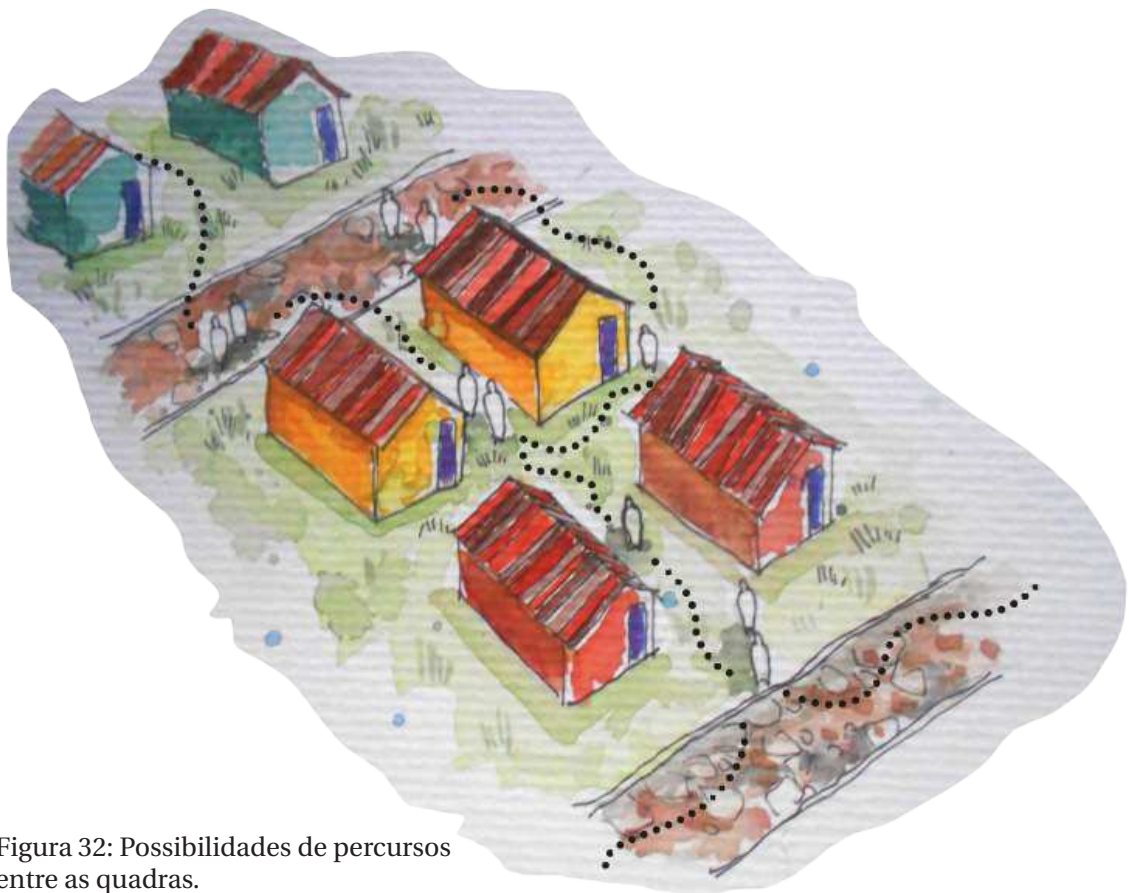


Figura 32: Possibilidades de percursos entre as quadras.
Fonte: elaborada pelo autor.



Figura 33: A ausência de barreiras entre residências e a facilidade de interação.
Fonte: elaborada pelo autor.

Já para as crianças os quintais e afastamentos frontais das residências serviam como ótimos lugares para praticarem seus inúmeros jogos e brincadeiras que possuíam como palco principal a rua e se estendiam pelos espaços não edificados do entorno.

Uma grande mudança que se pode identificar observando o bairro atualmente é justamente a modificação da tipologia das casas que foram entregues aos moradores. Originalmente eram organizadas em quatro tipologias padrão, onde variava-se apenas a quantidade de quartos por residência. Como já foi mostrado, não existiam muros, porém hoje ao se caminhar pelo bairro é extremamente raro encontrar alguma casa que conserve sua tipologia original. A maioria sofreu modificações e a inclusão de muros foi uma delas, geralmente atreladas às necessidades de privacidade e segurança dos moradores. Outra moradora, porém, falando da convivência social e os muros, afirma que “antes a convivência com os vizinhos era melhor, você falava com eles, sentava na porta, com o muro tem mais essa dificuldade para se relacionar com o vizinho”.

Deve-se destacar o fato de que mesmo existindo essa barreira alguns moradores ainda mantêm certos laços que foram formados desde os primórdios do bairro quando esse configurava um ambiente que permitia maior interação: “apesar de tudo nós somos uma família, aqui ainda é uma família” afirma dona Márcia, uma das moradoras da rua “E” que, mesmo com as mudanças na vizinhança, ainda

mantém relações de amizade e confiança com os vizinhos de longa data que ainda permanecem no local. Dessa forma, pelo fato de “todos” se conhecerem, o bairro desde cedo passou a ter uma atmosfera de confiabilidade, onde os moradores julgavam seguro deixar as crianças soltas nas ruas, pois haveria sempre pessoas de confiança nas redondezas.

No tocante às ruas, como já foi mencionado, as da primeira parte edificada do bairro, o Nova Vitória I, eram pavimentadas em asfalto e permanecem assim até hoje, porém as ruas do Nova Vitória II eram inicialmente pavimentadas apenas com uma camada de piche que rapidamente se desfez deixando uma mistura de areia e pedras compondo as ruas. Sobre essa tipologia de rua é curioso notar a opinião quase paradoxal dos moradores: por um lado, sempre enxergaram um incômodo para andar devido a superfície irregular das ruas, em contrapartida colocam como positivo a ausência de um fluxo pesado de carros, já que as pedras limitam a velocidade destes tornando a rua bem mais segura nesse sentido. Acrescenta-se ainda a questão do escoamento da água, como foi observado por um dos moradores, quando chove a água desaparece rapidamente devido à grande área permeável existente no bairro.

Uma dessas ruas de areia e pedra, é a rua “E”, que será um dos pontos abordados a seguir devido ao fato de ser o local onde cresci. Através dela foi possível notar as mudanças na realidade do bairro que instigaram o trabalho em questão.

3.3.1 Infância na rua “E”

A rua E do bairro Nova Vitória foi o local onde vivi por basicamente toda minha infância, por volta de 15 anos atrás. Foi um local de múltiplos papéis no meu dia a dia, aliás não só no meu como nos dos vários outros moradores, era o palco das brincadeiras e encontros de grande parte das crianças da rua, uma vez que não se possuía espaços públicos voltados para o lazer, uma realidade que ainda persiste. Dessa maneira era comum notar uma rua extremamente movimentada com crianças correndo pelo local ou se reunindo nas calçadas com seus brinquedos: pião, bolas de gude, pipas, em geral brinquedos mais tradicionais, onde vez ou outra surgiam alguns mais tecnológicos.

Já as brincadeiras também variavam entre as mais tradicionais e comumente conhecida por qualquer criança como pega-pega, esconde-esconde, rouba bandeira entre outras. O local em que tudo acontecia era uma rua com largura entre 6 a 7 metros e que era encoberta por pedras, onde um grupo formado de 10 ou mais crianças costumava brincar. Formado em sua maioria por crianças da

rua “E”, contava também com crianças provenientes das ruas próximas. De uma maneira curiosa a estrutura da local nunca configurou um empecilho para nossas brincadeiras, como já foi observado. Ela na verdade afastava os carros e criava um ambiente em que ficávamos quase que despreocupados com tal elemento.

Como exemplo transformávamos a rua em uma espécie de quadra de vôlei, um evento quase que sagrado. Todos os dias ao fim da tarde armávamos a rede de um lado ao outro da rua com o auxílio dos postes, e nos reuníamos para jogar vôlei. Vez ou outra era necessário levantar a rede para que os carros passassem, porém devido à natureza da superfície da rua os carros transitavam de forma mais lenta e cuidadosa. Se por um lado existia esse ponto positivo sobre a rua, por outro também existiam reclamações da população no que diz respeito a trafegabilidade e os riscos que a cobertura da rua oferecia.

As varandas das casas muitas vezes também abrigavam as brincadeiras mais tranquilas (ver figura 35). Por não existirem anteparos que limitassem o acesso as residências, qualquer varanda de alguma residência das redondezas poderia ser apropriada. Os quintais das residências possuíam esconderijos em potencial com suas árvores vegetações, para a brincadeira de esconde-esconde; os afastamentos frontais geralmente

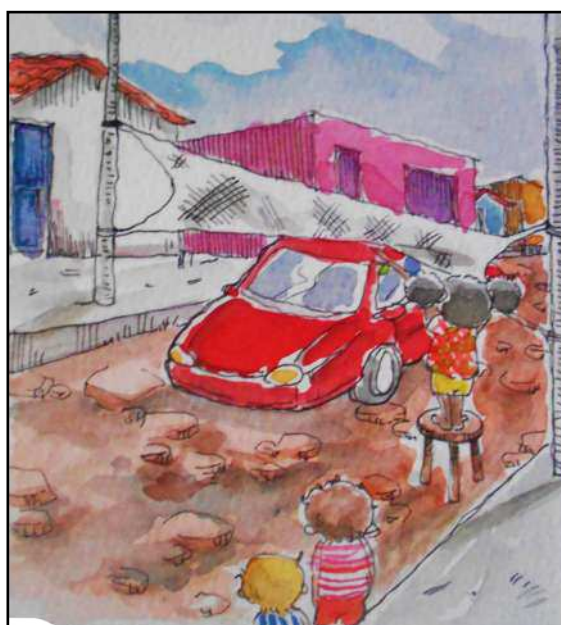


Figura 34: A rua como lugar dos jogos infantis.
Fonte: elaborada pelo autor.

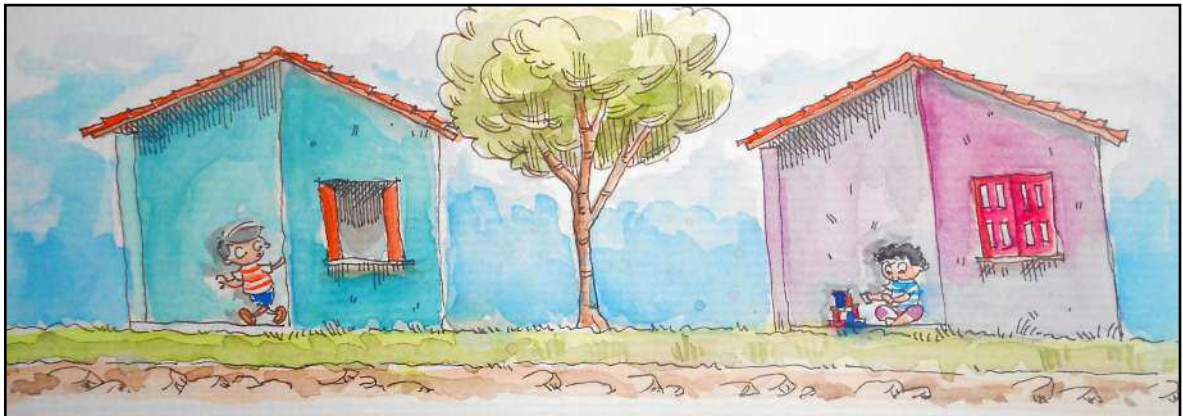


Figura 35: As varandas como o lugar das brincadeiras.
Fonte: elaborada pelo autor.

abrigavam grupos que queriam brincar de futebol. Em suma, os limites entre o que era pertencente a casa e a rua não eram bem definidos de certa forma o público e o privado se misturavam.

A vizinhança possuía uma relação amistosa devido as condições de moradia já elencadas aqui que facilitavam e muito a comunicação. Dessa forma a configuração do espaço acabava por torná-lo um local seguro e propício as brincadeiras e o convívio dos cidadãos. As ruas mantinham os carros, em uma quantidade não muito expressiva na época, afastados. As casas facilitavam a visualização das crianças na rua pelos seus responsáveis e a relação de amizade entre a vizinhança gerava um ambiente confiável.



Figura 36: A permeabilidade dos lotes e as brincadeiras infantis.
Fonte: elaborada pelo autor.

Todavia, pouco a pouco as casas da rua que antes permitiam esse maior convívio com os vizinhos foram se fechando. Através de muros, os afastamentos frontais das residências que antes abrigavam nossas brincadeiras passaram a não ser mais acessíveis, os quintais também. As quadras que antes eram tão permeáveis se tornaram mais “sólidas”. O traçado da rua passava a se tornar mais nítido através da continuidade dos muros, e com o tempo as crianças de outrora dão lugar a uma nova vizinhança não tão acostumada a vivenciar experiências no espaço da rua, talvez pelas mudanças que ocorreram nessa e que a tornaram um ambiente cuja interação com o vizinho e entre as próprias crianças não são tão fáceis ou espontâneas.

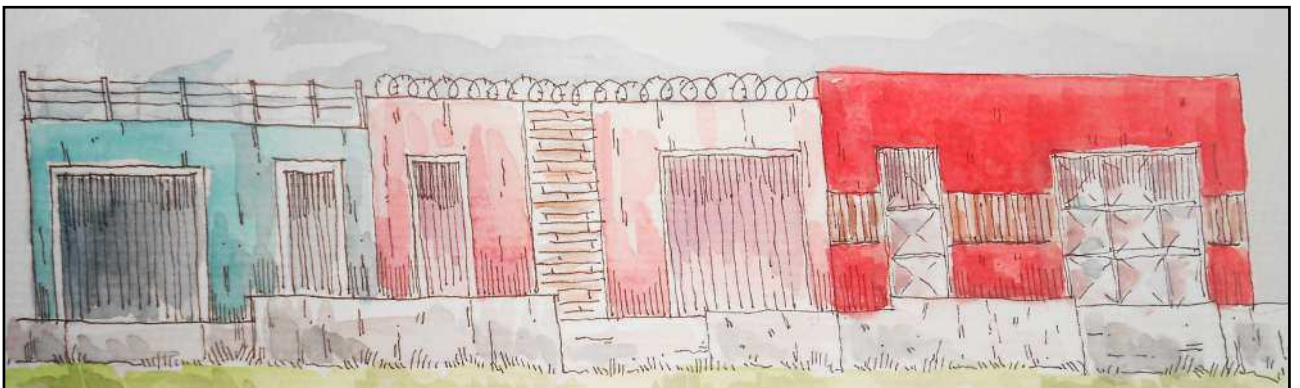
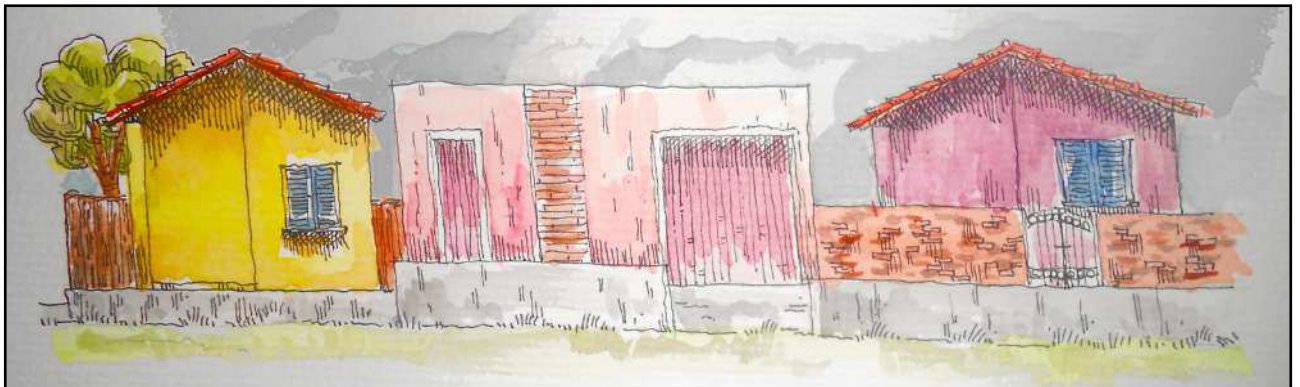


Figura 37: As modificações nas residências ao longo do tempo.
Fonte: elaborada pelo autor.

3.4 O QUE AS CRIANÇAS TÊM A FALAR SOBRE O BAIRRO

Se no tópico anterior, através da visão de alguns moradores antigos do bairro e da minha visão, buscou-se construir um panorama do que um dia foi o bairro neste tópico pretende-se estabelecer contato com um grupo de crianças que habitam hoje o bairro desejando construir algo próximo de um panorama atual, conhecer o lugar de suas brincadeiras, como é seu dia a dia no bairro, os lugares com o qual possui alguma relação afetiva, o que para ela configura algum obstáculo. A metodologia, como citado anteriormente, utiliza inicialmente do ambiente escolar para estabelecer o contato, por considerar que este pode oferecer toda uma estrutura favorável para a obtenção das informações, uma vez que no bairro não há espaços públicos que facilitem a concentração de crianças para que sejam entrevistadas. Mesmo assim, se buscou também essa forma de abordagem, porém com um grupo menor de crianças uma vez que essas se encontravam dispersas pelas ruas do bairro e nem sempre era comum observá-las nas ruas.

As entrevistas ocorreram em uma das escolas de ensino infantil do bairro, o Centro Educacional Gênese. A sala escolhida era composta por crianças entre 6 a 7 anos, pois acredita-se que nessa idade as crianças estão mais aptas para responder as perguntas acerca de sua rotina. Formavam um total de 18 alunos.

A escola é uma construção modesta com poucas salas de aulas, reflexo das limitações impostas pela edificação que lhe abriga, uma vez que consiste em uma das antigas casas do bairro que fora reformada para transformar-se em escola não possuindo um espaço muito grande, já que os lotes do bairro possuem um tamanho não muito avantajado. Desse modo até a área destinada a recreação das crianças é limitada, um espaço não muito grande que possui alguns mobiliários como um balanço e um escorregador.

A priori foi elaborado um roteiro para entrevistar o grupo de crianças. A primeira parte do roteiro foi baseada em perguntas mais objetivas onde as crianças respondiam entre “sim” ou “não”. Aqui busca-se saber se as crianças possuem o costume de brincar nas ruas ou andar sem a companhia de um adulto, e a forma como as crianças se locomovem até a escola.

Inicialmente nota-se que uma boa parte das crianças vão a pé para escola, porém todas acompanhadas de seus pais ou algum outro responsável; há também aqueles que se utilizam de carros e motocicletas e até mesmo bicicletas para irem à escola. Acontece que pelo fato de nem todos os pais trabalharem no bairro muitas

vezes necessitam de veículos motorizados para a locomoção, dessa forma durante o percurso para o trabalho aproveitam para deixar seus filhos na escola. Deve-se frisar que o bairro não possui uma grande extensão territorial sendo possível percorrê-lo normalmente sem o auxílio de algum automóvel, o que facilita de certa forma a vida das pessoas que dependem do transporte pedonal, sendo muito comum notá-lo.

No que diz respeito a andar sozinhas pelas ruas, a maior parte afirma que seus pais não o deixam fazê-lo, o motivo, repetido por quase todas as crianças: o carro. Aqui repete-se algo já dito pelo educador Francesco Tonucci e que já foi citado anteriormente, para os pais a rua é o local predominante dos carros e de certa forma com razão já que as ruas do bairro favorecem esse pensamento, uma vez que não há presença de qualquer sinalização e as calçadas do local são ambientes mal organizados. Dessa maneira se a rua não transpassa confiabilidade para os pais e responsáveis provavelmente a criança não poderá usufruir do espaço.

O brincar na rua também não é algo muito forte na rotina dessas crianças. Boa parte afirma que não possui esse costume. Quando questionadas sobre os locais em que costumam brincar muitas delas afirmam que o fazem dentro dos limites de suas residências, seja no quintal ou na frente da casa ou até mesmo em seus quartos. Novamente a presença ostensiva dos carros na rua surge como obstáculo, dessa vez aliado ao péssimo estado de conservação das mesmas.

Boa parte das brincadeiras que as crianças mostraram praticar são bem comuns do universo infantil: futebol, brincar de boneca, pular corda, etc. Vez ou outra surgiam brincadeiras mais inusitadas como brincar na chuva ou até mesmo um outro caso curioso como um dos alunos que tem como seu ambiente de lazer



Figura 38: O desenho feito por Isabela, de 6 anos, mostra o lugar de suas brincadeiras: a sua casa.



Figura 39: O desenho representa um quarto, segundo seu autor, Andrew Coelho, de 6 anos, esse é seu lugar preferido para brincar.

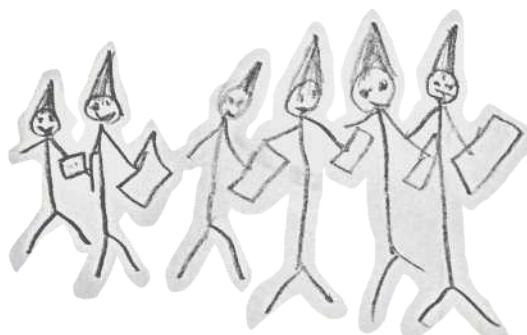
Figura 40: O desenho representa a casa onde Andrew mora. Juntamente com a casa há o desenho de uma igreja, pois Andrew a utiliza como um ponto referencial.



favorito um curral, onde esse pode brincar com as vacas já que mora em uma fazenda nas redondezas do bairro. Já outro caso interessante foi o de uma criança que ao desenhar um ambiente ideal para suas brincadeiras colocou várias outras crianças segurando um retângulo em seu desenho, quando questionada sobre o significado daquilo ela respondeu que seriam celulares, pois uma de suas brincadeiras favoritas é “brincar de celular”.

Aliás essas informações sobre as brincadeiras foram todas adquiridas através de desenhos, pois essa consistia na segunda etapa da entrevista que ao final mostrou-se muito mais eficiente que as perguntas diretas. Todos os desenhos funcionaram como o ponto de partida para as entrevistas uma vez que cada criança foi questionada sobre o que representava os elementos em seu desenho, sendo assim a cada explicação as crianças revelavam um pedaço de sua rotina e seus anseios sobre o local do brincar, em suma explicavam de forma mais precisa as questões feitas anteriormente sobre o local em que brincavam e do que brincavam e até mesmo um pouco das dificuldades de ser criança no bairro.

Figura 41: O desenho feito por Arthur, de 6 anos, representa sua brincadeira favorita, o celular.



Sobre os espaços em si, o que se pode observar através dos desenhos das crianças é algo um tanto quanto obvio sobre o ambiente de pesquisa: a ausência de espaços para as brincadeiras. Observa-se que o espaço de lazer mais recorrente nos desenhos é um simples playground, por mais que as crianças tenham exposto que costumam brincar de coisas que vão muito além desse espaço (como futebol, pular corda, pega-pega, entre outras), muitas delas colocam um escorregador e um balanço como a representação de espaço ideal para brincar, talvez pelo fato do bairro não possuir nenhum tipo de espaço público com esses itens. Desta forma para elas os dois equipamentos já seriam o suficiente para a sua diversão.

Indo um pouco mais além é possível justificar a repetição desses elementos pelo fato de que os espaços para crianças na cidade são produzidos de uma maneira um tanto quanto padronizada. Em boa parte das principais praças e espaços públicos é possível notar os espaços ditos para a criança sempre compostos pelos mesmo

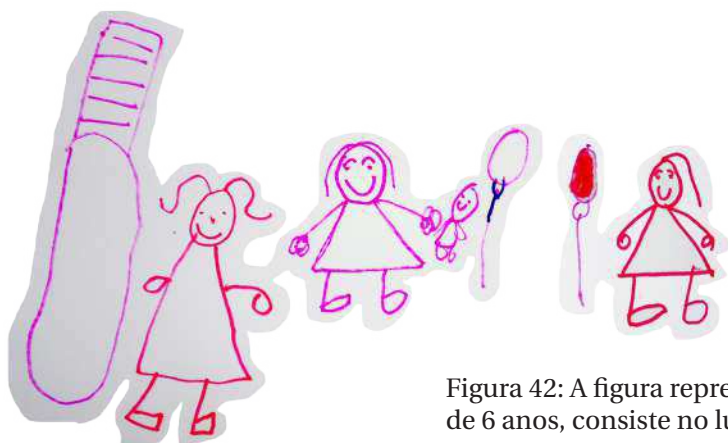


Figura 42: A figura representa um *playground*, que para Isabela, de 6 anos, consiste no lugar ideal para o lazer.



Figura 43: Claryne, de 7 anos, expõe que seu lugar ideal para brincar é onde existam árvores em que possa subir.

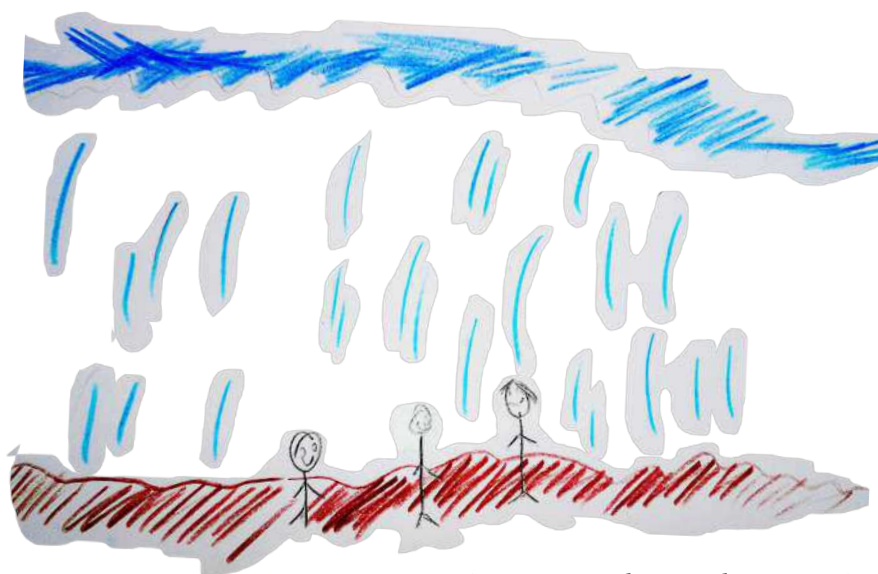


Figura 44: Banhar na chuva consiste na brincadeira preferida de Mateus, de 6 anos.

equipamentos, como o escorregador e o balanço, sendo assim muito provavelmente no imaginário infantil esses seriam símbolos do lazer para elas, já que formalmente são os lugares que a cidade designa para criança se divertir. Na própria escola, o espaço de recreação possui tal configuração e consiste no único local do bairro em que essas crianças podem entrar em contato com esse tipo de mobiliário.

Há também crianças que vão muito mais além no tocante aos espaços de diversão, umas exploram uma veia mais lúdica desenhando castelos como os lugares mais interessantes para brincar, já outras preferem lugares em que possam estar em maior contato com a natureza e aventura, foi muito comum o desenho de arvores e crianças as escalando.

Sobre o grupo entrevistado na escola o que se pode observar no geral é que ao contrário da imagem, às vezes estereotipada que se cria sobre as crianças dessa nova geração de que pouco se interessam pelas brincadeiras mais tradicionais (preferindo os jogos eletrônicos ou os playgrounds de shoppings centers) e pelo convívio com seus iguais, as crianças do universo estudado ainda demonstram um grande interesse por brincadeiras em que possam correr, se aventurar e explorar o espaço ao redor, e relacionar-se com outras crianças mesmo que tenham que fazê-lo nos limites de sua residência. Isso muitas vezes se deve ao fato de que nem todas as crianças tem acesso aos espaços mercantilizados destinados ao lazer, no caso os playgrounds dos shoppings ou aos vídeos games e afins. Como diz Souza (1989) os pequeninos provenientes das camadas mais populares, como é o caso do bairro Nova Vitoria, têm que descobrir espaços alternativos na realidade em que vivem e brincar conforme esses espaços permitem.

Com esse pensamento buscou-se ir às ruas do bairro a fim de identificar seu uso pelas crianças e acrescentar também a opinião dessas ao panorama aqui construído. Um dos primeiros grupos que foi possível observar encontrava-se na praça do bairro utilizando um dos espaços do local para jogar bola, isso no horário de fim de tarde, pois pelo fato do ambiente não ser muito arborizado torna não muito agradável o uso do local durante o período da tarde.

Quanto as ruas do bairro em pouquíssimas vezes foi possível notar crianças as utilizando, destaque para a rua “E” que foi uma das poucas em que havia em torno de dois grupos formados entre 3 a 5 crianças brincando em alguns pontos. O primeiro grupo formado por crianças que andavam de bicicleta e skate pelo local. Melhor dizendo, crianças que tentavam brincar, já que pelas condições da rua não era possível andar de skate e as calçadas por possuírem uma variação muito grande de

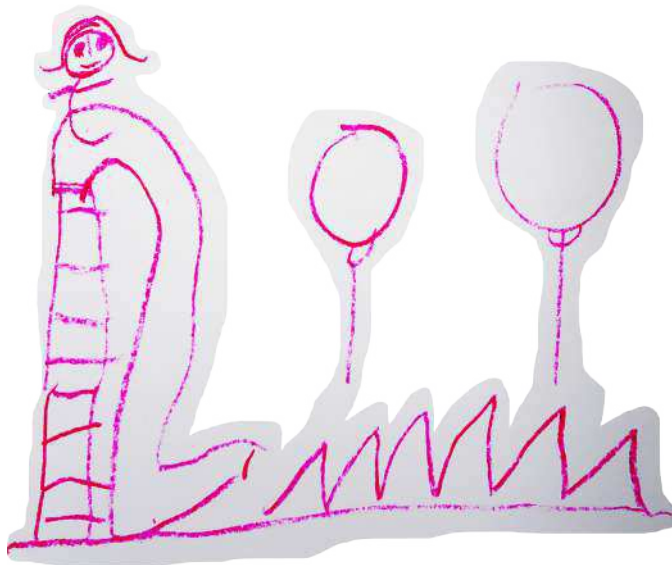


Figura 45: outra figura representando um *playground*. Para Juliana, de 6 anos, esse seria o lugar ideal para brincar.

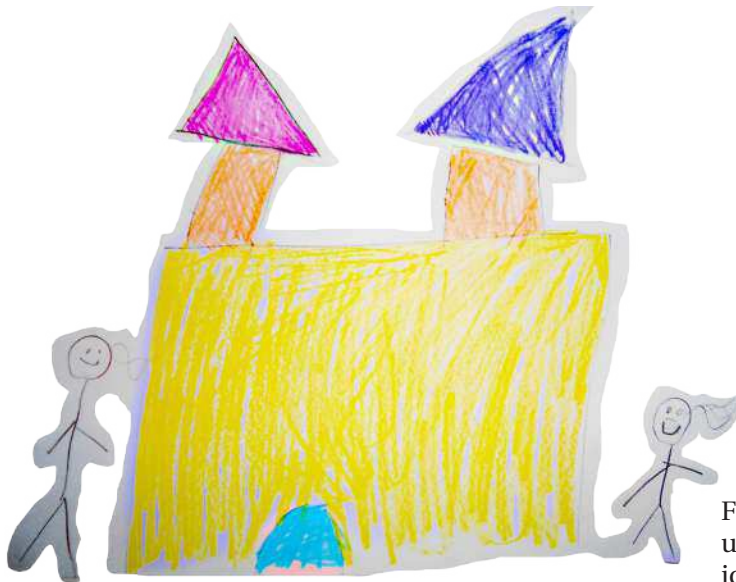


Figura 46: Mateus, de 6 anos, desenhou um castelo representando o seu lugar ideal para brincar.



Figura 47: Luís Fernando, de 7 anos, tem como desejo um local arborizado para que possa brincar.

desníveis e rampas também não facilitavam a brincadeira. Logo mais à frente havia outro grupo de crianças, dessa vez jogando bola utilizando o afastamento de uma das poucas casas não murada da rua, e aproveitando também a sombra formada por um enorme pé de Jambo que havia no local, isso somado a areia macia do local tornava o ambiente extremamente propício ao jogo e confortável para elas.

Ao conversar com elas nota-se certas semelhanças nas informações colhidas com o grupo de crianças entrevistado na escola. As crianças abordadas na rua afirmam que gostam de brincar no local pelo fato de possuir um espaço mais amplo para suas brincadeiras e também por não existir outro local no bairro em que possam se divertir. Afirmam também que seus pais não aprovam a brincadeira na rua, repetindo-se o argumento dos pais acharem a rua um local perigoso. Afirmam ainda que muitas vezes têm que se contentar a brincar no quintal de suas casas como é o caso de Gabriel, de 7 anos, que diz preferir brincar na casa de seus primos, pois na rua passa muitos carros o que acaba atrapalhando a brincadeira.

No geral é possível notar crianças, com idades entre 6 e 8 anos, que possuem uma considerável autonomia, que utilizam a rua para uma infinidade de brincadeiras, mesmo não a considerando o lugar ideal, se locomovem também pelo bairro mesmo existindo os perigos e até mesmo a contragosto dos seus responsáveis, o que é no mínimo curioso, já que ao mesmo tempo em que os pequeninos dizem que seus pais não os deixam brincar na rua lá estão as crianças usufruindo desse local.



Figura 48: Gabriel, Cristiane e Vitor. O grupo de crianças tenta brincar na rua com suas bicicletas e skate.
Fonte: elaborada pelo autor.



Figura 49: Outro grupo de crianças jogando futebol em um dos poucos lotes não murados da rua.
Fonte: elaborada pelo autor.



Figura 50 e 51: Crianças utilizando um dos canteiros da praça do bairro para jogar futebol.
Fonte: elaborada pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Esse trabalho teve como ponto inicial uma série de indagações acerca da rua e seu papel no cotidiano das crianças do bairro Nova Vitória, houve também o interesse em investigar essa relação através de um comparativo entre épocas do bairro: a realidade do bairro em torno de 15 anos atrás e a realidade atual.

“Qual o lugar do brincar atualmente e como ele é realizado?” Essa consiste em uma das questões levantadas no trabalho em relação as crianças e as ruas do bairro, a pergunta surgiu devido ao fato, como já é sabido, de que o autor do referido texto teve o bairro como o local de sua infância e através de observações empíricas percebeu uma diferenciação tanto no espaço construído do bairro como na forma com que as crianças se relacionavam com ele.

Como foi visto ao longo de todo o trabalho percebe-se que o bairro em seu início configurou um espaço muito propício às relações entre os moradores e conseqüentemente entre as crianças e que sofre com a ausência de espaços públicos voltados para o lazer também desde seus primórdios. Dessa forma as ruas do bairro assumiram tal papel, o bairro então passou por algumas modificações, já elencadas anteriormente, que afetaram essa característica fazendo com que perdesse força.

Através da observação do espaço do bairro e do contato estabelecido com as crianças e moradores o que se pode extrair para responder tal questionamento é que, muitas vezes, no imaginário coletivo dos moradores, as ruas do bairro não são seguras, o carro é sempre posto como o grande problema atrelado as condições de conservação das ruas, onde há uma quantidade muito grande de fendas no asfalto ocasionando o acúmulo de lama. Como último agravante, o aumento da criminalidade segundo os moradores, corrobora para que não deixem seus filhos livres para brincar na rua.

Na conjuntura atual as áreas não edificadas dos lotes assumem o papel de abrigar o lazer das crianças. Lotes predominantemente murados fazem com que o que antes acontecia nas ruas agora aconteça entre muros e a espontaneidade da socialização entre as crianças de certa forma se perde. Agora para interagir com seus iguais deve haver uma hora marcada e um dia na semana, para que possam se dirigir até a casa de seus amigos para que possam brincar.

Tais constatações ao mesmo tempo em que fornecem uma noção de onde e como ocorrem as brincadeiras e convívio social das crianças também adentra no segundo questionamento levantado no início da pesquisa: “Por que, no caso do bairro, a rua vem perdendo expressividade como um local de encontro e lazer para a criança?”. Os dois questionamentos se complementam.

Ainda a respeito dos locais que abrigam as atividades lúdicas, merece destaque algo que surpreendeu positivamente, o fato de ainda ser possível observar crianças que muitas vezes contrariando seus pais buscam na rua um espaço ideal para seus jogos e brincadeiras, pois para elas a rua oferece um espaço muito mais flexível do que os quintais de suas residências por exemplo. Porém é algo não tão fácil de ser observado, pois ao andar pelo bairro é bem mais comum notar ruas delimitadas por muros com poucas ou nenhuma pessoa interagindo ou observando o movimento, calçadas cheias de obstáculos e com pouca arborização. Para uma cidade que chega a ter temperaturas extremamente elevadas como é o caso de Imperatriz, a junção desses fatores acaba por repelir as pessoas do local. São limitados os locais do bairro que configuram um ambiente confortável para que os cidadãos possam se apropriar com a finalidade de socialização.

A criança por sua vez tem que utilizar de sua criatividade para encontrar qualquer resquício de ludicidade nos espaços em que se é possível brincar, seja ele a escola, o quintal, o quarto, terrenos baldios e a própria rua.

Em suma, pode-se observar um bairro com grandes áreas livres em potencial que poderiam configurar bons espaços públicos de lazer e que a própria população clama por isso, e como já foi exposto, as crianças também possuem suas reivindicações. As ruas do bairro também poderiam ser locais mais agradáveis, uma vez que as distâncias do bairro valorizam a escala humana, mas a situação em que se encontram faz com que muitos moradores prefiram utilizar veículos motorizados para se fazer pequenos percursos.



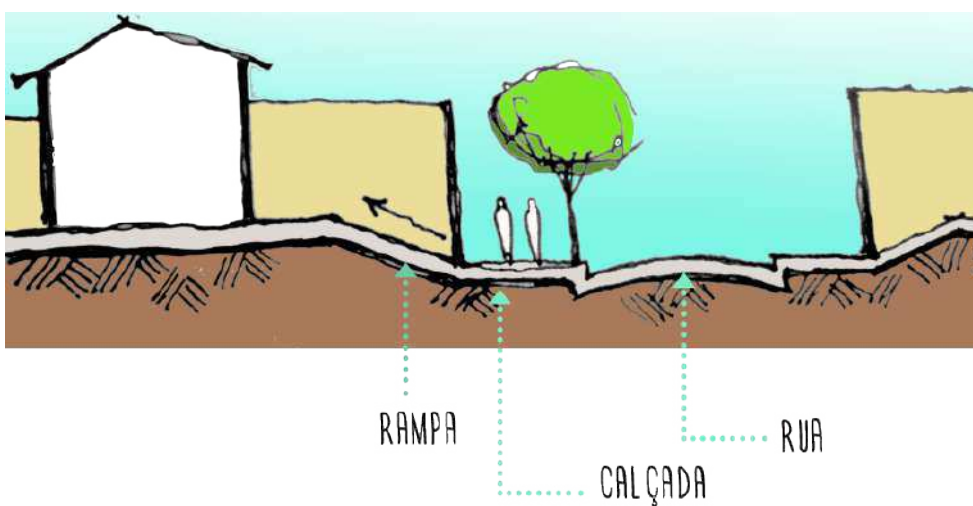
Figura 52: Criança brincando em uma das áreas livres do bairro.
Fonte: elaborada pelo autor.



Figura 53: A continuidade dos muros e as irregularidade das calçadas.
 Fonte: elaborada pelo autor.



Figura 54: Como sugestão seria desejável manter as calçadas espaços com o nível contínuo, livres de obstáculos. Figura 55: Rampas de acesso a garagens devem se localizar na parte interna do lote livrando assim a calçada de tal obstáculo.
 Fonte: elaborada pelo autor.



O entorno das escolas que existem no bairro são carentes de sinalização. A maioria dessas escolas são voltadas para crianças de 3 a 10 anos de idade, locais que deveriam ter o entorno o mais seguro, mas que não possuem qualquer tipo de preparo para o fluxo de crianças que ocorre na área. Projetos tal como o já mencionando “A la escuela vamos solos” ou “la ciudad de los niños” idealizados por Francesco Tonucci, com o empenho tanto da população quanto do poder público poderiam se mostrar boas opções para melhorar a convivência nas ruas.

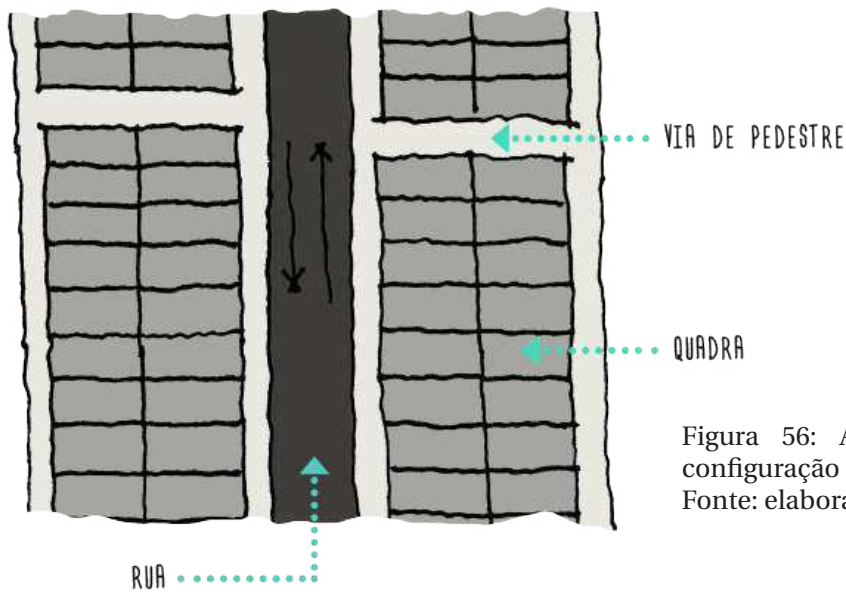


Figura 56: A ilustração representa a configuração atual das ruas do bairro
Fonte: elaborada pelo autor

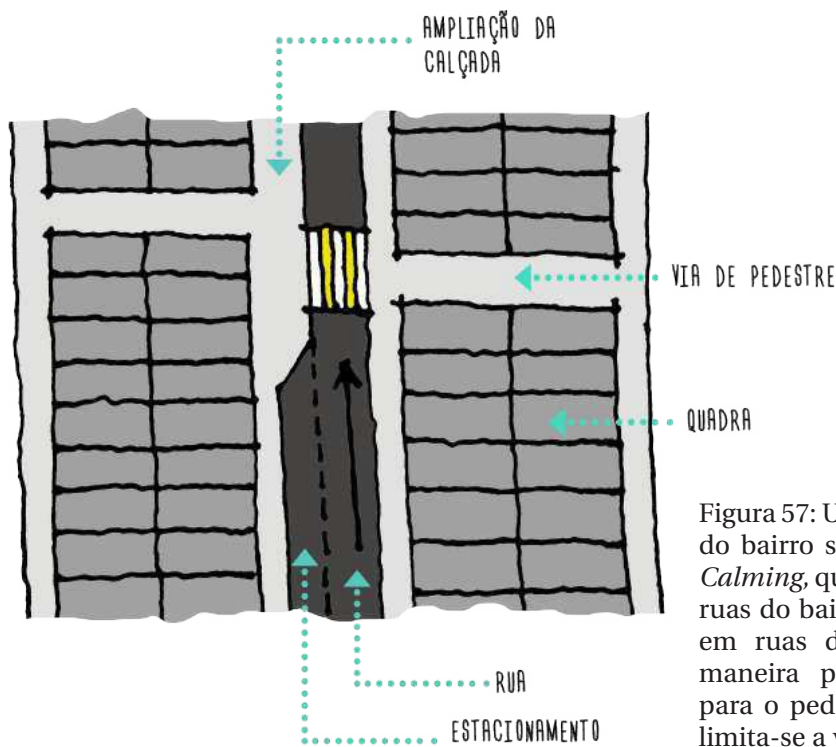


Figura 57: Uma das sugestões para as ruas do bairro seria a implantação do *Traffic Calming*, que consiste em tornar todas as ruas do bairro, que possuem mão dupla, em ruas de apenas uma mão. Dessa maneira pode-se aumentar o espaço para o pedestre nas calçadas e também limita-se a velocidade dos carros nas vias internas do bairro.
Fonte: elaborada pelo autor.



Figura 58: Imagem atual da Rua “E”
Fonte: elaborada pelo autor.



Figura 59: Croqui representando a rua “E”. O croqui proporciona uma noção de como poderia ser a implantação do *Traffic Calming* na rua.
Fonte: elaborada pelo autor.

Aproveitar vias subutilizadas no bairro, como é o caso de algumas vias de pedestre e torná-las espaços de encontro; dar mais vivacidade a esses locais, até por que todas as escolas do bairro se localizam próximo a essas vias, poderiam assim funcionar como espaços extras de recreação para as escolas.



Figura 60: Via de pedestre localizada em frente a escola da rede de ensino pública do estado.
Fonte: elaborada pelo autor.

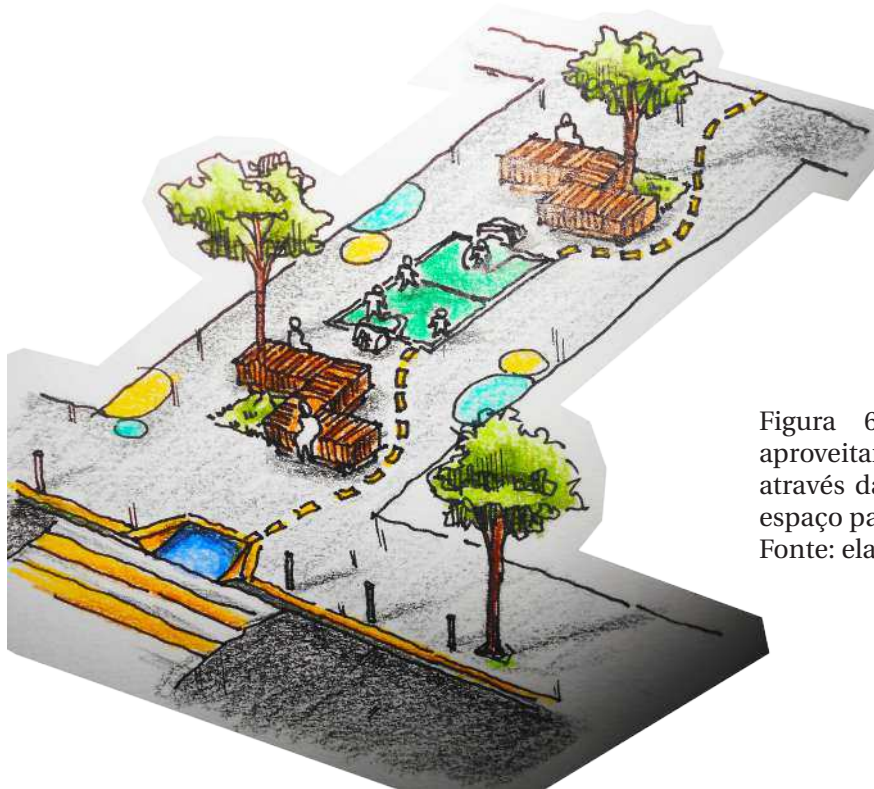


Figura 61: Sugestão de como aproveitar o espaço da via de pedestre através da instalação de mobiliário e espaço para as crianças brincarem
Fonte: elaborada pelo autor.

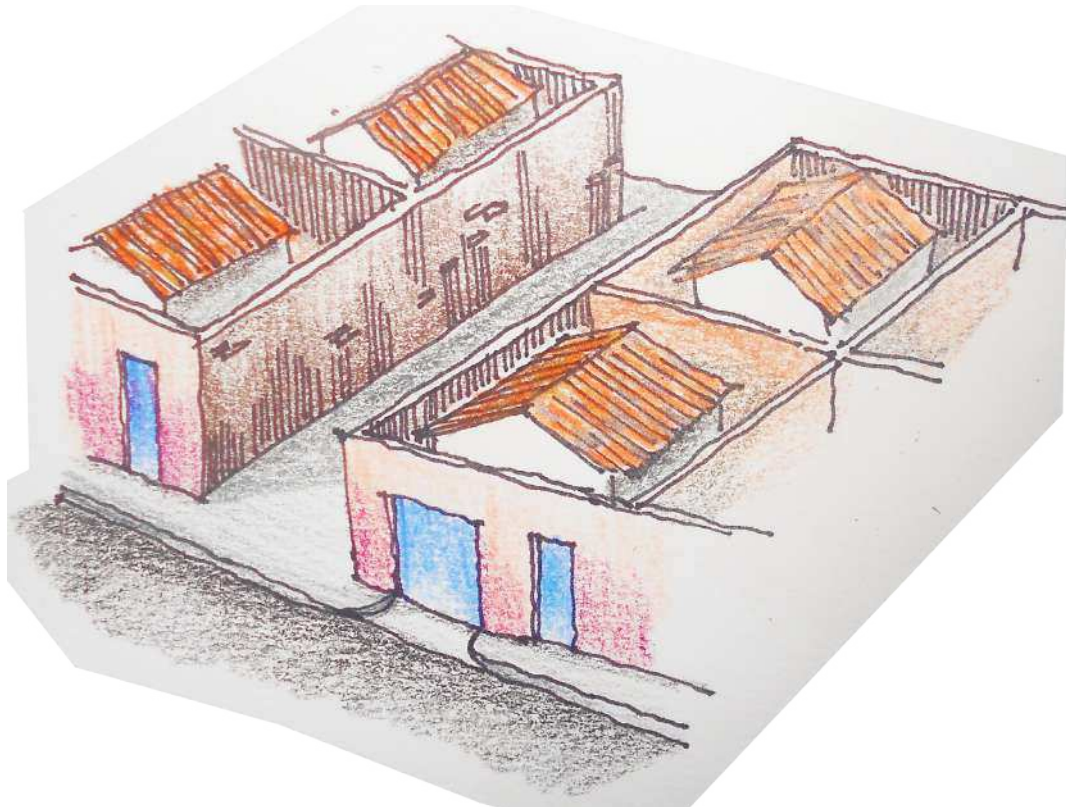


Figura 62: Croqui representando a principal problemática das vias de pedestre, a ausência de “olhos”, e de acordo com Jane Jacobs para a vitalidade de uma rua é de grande importância que as edificações estejam voltadas para tal espaço.
 Fonte: elaborada pelo autor.

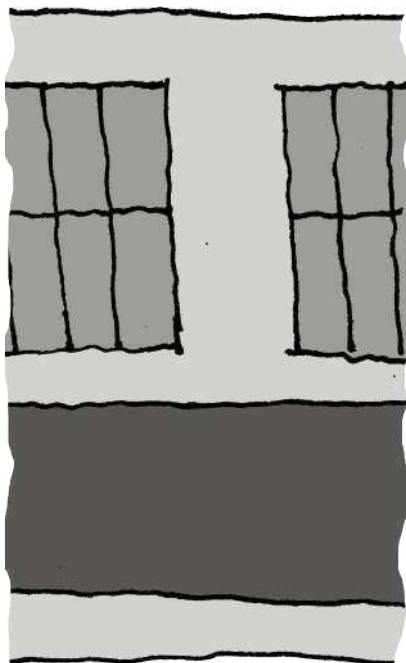


Figura 63: Via de pedestre delimitada por muros e sem qualquer contato entre a residência e a via.
 Fonte: elaborada pelo autor.

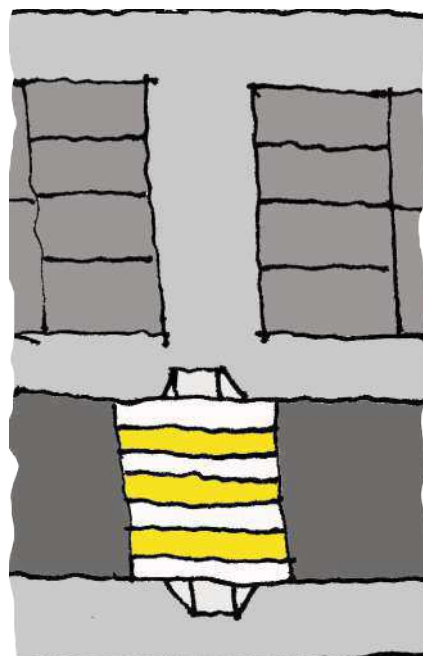


Figura 64: Via de pedestre com a fachada principal dos lotes voltada para a via, essa implantação contribui de melhor maneira para a atratividade do local.
 Fonte: elaborada pelo autor.

Mostra-se de grande necessidade trabalhar as calçadas do bairro para que se tornem lugares mais agradáveis para os cidadãos, seja através da arborização ou da regularização dos desníveis e rampas existentes. Já a existência dos muros é uma característica muito forte nas construções do bairro e que dificilmente será revertida, uma vez que é uma das principais formas cuja população encontra para se “proteger” da violência e também para assegurar sua privacidade dificultando o contato com a rua, mostra-se maior ainda a necessidade de que esta seja agradável aos moradores para que se sintam seguros e confortáveis utilizando tais espaços. Mesmo com a existência dos muros e toda a autossuficiência que muitas casas apresentam hoje em dia, ainda há desejo, por parte dessa população, de socializar com sua vizinhança nas ruas.



Figura 65: A existência de arborização e mobiliário, como bancos, podem tornar o espaço mais atraente, com a possibilidade de estimular mais ainda o costume de alguns moradores que ainda sentam nas calçadas para observar o movimento das ruas.
Fonte: elaborada pelo autor.

Se a rua configura um local onde existem vários “olhos” de confiança sempre vigiando o local, se a rua possui uma estrutura confortável e sem riscos, certamente será um espaço muito mais adequado para a socialização, jogos e brincadeiras das crianças desde que as pessoas possam fazer menos uso dos automóveis, que sem dúvida, representam um dos maiores vilões para a criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: 1997.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 3. ed. Portugal: Cloustre, 2004.

LIMA, Mayumi Souza. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989.

MADRID a pie, camino seguro al cole. Disponível em: < <http://www.madrid.es/>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. *Apropriações do espaço público: alguns conceitos*. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 296-306, ago. 2007.

QUATRO ideias para reconstruir comunidades a partir das ruas. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

SANTOS, C. N. F. (coordenador) e VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, Projeto, 1985.

TALLER de participación ciudadana para la realización de un área estancial segura y agradable a la entrada del CEIP Nuestra Señora La Paloma. Disponível em: < <http://tallertabernillas.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

TONUCCI, Francesco. *Ciudades a escala humana: la ciudad de los niños*. Revista de Educación, número extraordinário, p. 147-168, abril 2009.

TONUCCI, Francesco. *La ciudad de los niños: um modo nuevo de pensar la ciudad*. Madrid: Fund. German Sanchez Ruiperez, 2004.